



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

ARLINDO NOGUEIRA

CAPÃO PECADO:

uma história da periferia para o livro, deste para os grandes centros urbanos.

FLORIANÓPOLIS - SC
2021

ARLINDO NOGUEIRA

CAPÃO PECADO:

uma história da periferia para o livro, deste para os grandes centros urbanos.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras Português do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentado como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Letras Português.

Orientadora: Prof. Dra. Tereza Virginia de Almeida

ARLINDO NOGUEIRA

CAPÃO PECADO:

uma história da periferia para o livro, deste para os grandes centros urbanos.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do **Título de Bacharel** e aprovado em sua forma final pelo Programa de Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas.

Florianópolis, ____ de _____ 2021.

Prof. Dra. Carla Regina Martins Valle
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Tereza Virginia de Almeida
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dra. LLV UFSC Telma Scherer
Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC

Mestra Ppplit UFC Anna Viana Salviato
Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que se mostrou criador, que foi bondoso comigo. Seu fôlego de vida foi meu sustento, minha coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

Agradeço à minha família, que foi essencial em minha vida, coautora de meu destino, me guiando o tempo todo na busca de meus objetivos. Pois, sem Deus e a família, eu não teria forças suficientes para essa longa jornada, em busca da graduação acadêmica.

Agradeço aos meus professores e aos meus colegas, respectivamente pela paciência na interação e incentivo, para que se tornasse possível a conclusão desta monografia. Muito obrigado à minha Professora orientadora que me ajudou bastante a concluir este trabalho.

Agradeço aos meus amigos, pelas alegrias compartilhadas durante as pausas entre um parágrafo e outro, nos intervalos de pesquisas e no tempo de reflexão, produzindo melhorias em todos os sentidos da vida.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina - (UFSC), instituição, onde aprendi e cresci culturalmente. Sua condição de apoio ao ensino possibilitou-me refletir e encarar a realidade e ver a vida de um jeito diferente. A UFSC me possibilitou realizar com êxito o curso de graduação em Letras – Português, pelo qual tive o prazer e a honra de conviver com professores, colegas e funcionários, dentro de um espaço educacional, ao longo desses últimos anos. Ali obtive a experiência de uma produção compartilhada, bem como a comunhão com diversas pessoas, o que me permitiu a melhor formação acadêmica.

Assim, ao concluir esta monografia, agradeço a todos, pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena todo o esforço, a dedicação, todas as renúncias, para agora estarmos colhendo, juntos, os frutos do nosso empenho! Esta vitória é muito mais do mundo que me permitiu mudar as coisas, nunca as fazer da mesma forma. A pesquisa e a leitura movem montanhas; essa mudança é nosso desafio e compromisso.

CAPÃO PECADO
<p>Capão Pecado um romance das bordas do centro, emergido de momentos vividos daquela turma fotografias do Guma um olhar que vem de dentro.</p> <p>Capão Pecado um livro de cunho transacional, retrato periférico distal em ângulos adjacentes contexto irreverente das do cânone universal.</p> <p>Capão Pecado reflete a literatura dita marginal é uma história real que contém muitas nuances baseadas no romance dos jovens Paula e Rael</p> <p>Capão Pecado fala do gueto em tom diferente, as vozes e as lentes são de dentro para fora desnude da história que cinge a nossa gente</p> <p>Capão Pecado traz na capa o arame do revés marca o viés vivenciado desde sua infância vida cheia de esperança e confiança de Ferréz.</p>
Poema de Arlindo Nogueira

“Toda ação humana, quer se torne positiva ou negativa, precisa depender de motivação.” (Dalai Lama)

RESUMO

Este trabalho de monografia tem como objetivo abordar o romance *Capão Pecado* do escritor Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz. O livro é portador de um discurso literário, em linguagem coloquial, característica da literatura marginal, cuja narrativa aborda uma história romanesca entre Paula e Rael, na periferia do bairro Capão Redondo, da cidade de São Paulo. Diante da problemática discursiva do livro, constitui-se o tema principal de discussão deste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Como narrar “uma história da periferia para o livro, deste para os grandes centros urbanos”? Esta proposição introduz à redação do livro *Capão Pecado*, que narra uma história originária da periferia e mostra o posicionamento do texto sobre essa temática. Portanto, o assunto abordado neste TCC, o qual chamamos de tema, traça as diretrizes do contexto idealizado, com base no objeto de estudo, o romance *Capão Pecado*. Portanto trata-se de um livro de grande repercussão no meio literário, pelo fato de ter um contexto narrado com vozes marginais e escrito por um jovem da periferia. É uma história com um embate crítico importante. Há os que resumiram a história do livro como “ficção da realidade” e os que o defendem como “documento literário”. Esse embate gerado pela crítica, já foi discutido em muitos momentos nas universidades, tornando o livro um material importante, advindo da periferia para o consumo acadêmico. O livro *Capão Pecado* traz como centralidade de contexto, o romance entre Paula e Rael, este o protagonista principal da história, além de ser o personagem de Ferréz. Rael é um jovem trabalhador, assim como tantos outros que moram na favela de Capão Redondo. O seu relacionamento com Paula trouxe-lhe alegria e dissabor, aquela por conquistar uma garota das mais lindas do bairro, este por ser Paula namorada do seu melhor amigo, o Matcherros. O Rael sempre foi um lutador que se destacou dos demais jovens da favela, estudando, escrevendo livros, inclusive, ele tatuou no seu braço direito, a imagem da capa do livro *Capão Pecado* (2013), num gesto de rebeldia pela desídia do Estado para com os moradores da favela. O impacto de verossimilhança de *Capão Pecado*, com a periferia em Capão Redondo tem muito a ver com a biografia de Rael, que vive e viveu as experiências nuas e cruas da favela. Por conseguinte, o contexto de *Capão Pecado*, produzido por Ferréz no berço de Capão Redondo, legitima-o como literatura periférica.

Palavras-chave: *Capão Pecado*; periferia; literatura marginal; Ferréz.

ABSTRACT

This monograph work aims to approach the novel *Capão Pecado*, by writer Reginaldo Ferreira da Silva, Ferréz. The book carries a literary discourse, in colloquial language, characteristic of marginal literature, whose narrative addresses a romance story between Paula and Rael, on the outskirts of the Capão Redondo neighborhood, in the city of São Paulo. In view of this discursive problem in the book, the main theme of the discussion of this Course Conclusion Paper - TCC is the main theme. How to narrate “a story from the periphery for the book, this one for the big urban centers”? This proposition introduces the writing of the book *Capão Pecado*, which tells a story originating in the periphery and shows the positioning of the text on this theme. Therefore, the subject addressed in this TCC, which we call the theme, outlines the guidelines of the idealized context, based on no object of study, the novel *Capão Pecado*. Therefore, it is a book of great repercussion in the literary milieu, due to the fact that it has a context narrated with marginal voices and written by a young man from the periphery. It is a story with an important critical clash. There are those who summarized the history of the book as "fiction of reality" and those who defend it as a "literary document". This clash generated by critics has already been discussed at many times in universities, becoming an important material, coming from the periphery for academic consumption. The book *Capão Pecado* brings as central context, the romance between Paula and Rael, this the main protagonist of the story, besides being the character of Ferréz. Rael is a young worker, as are so many others who live in the Capão Redondo slum. Her relationship with Paula brought her joy and discomfort, the one for winning over one of the most beautiful girls in the neighborhood, this one for being Paula's girlfriend to her best friend, Matcheros. Rael has always been a fighter who stood out from the rest of the young people in the favela, studying, writing books, including, he tattooed on his right arm the image of the cover of the book *Capão Pecado* (2013), in a gesture of rebellion by the State's disdain for with the favela residents. The verisimilitude impact of *Capão Pecado*, with its periphery in Capão Redondo, has a lot to do with Rael's biography, who lives and lived as bare and raw experiences of the favela. Consequently, the context of *Capão Pecado*, produced by Ferréz in the birthplace of Capão Redondo, legitimizes it as peripheral literature.

Keywords: *Capão Pecado*; periphery; marginal literature; Ferréz.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Foto em Capão pecado (2000).	p.39
Figura 2 – Foto em Capão pecado (2000)	p.39
Figura 3 – Foto em Capão pecado (2000)	p.41
Figura 4 – Foto em Capão pecado (2000)	p.41
Figura 5 – Foto da Capa de Capão Pecado (2013)	p.44
Figura 6 - Foto de Teresa Eça incluída em Capão pecado (2000)	p. 47
Figura 7 Design do escudo – Literatura Marginal - Ferréz (2003)	p. 63
Figura 8 Face de Ferréz, ilustrada por Mutarelli. Ferréz (2003)	p. 63
Figura 9 Encarte de Determinação - Ferréz (2003)	p.68
Figura 10 Foto de Teresa Eça incluída em Capão pecado (2000)	p.68

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Uma história diferente	12
1.2 Capão Pecado, uma história romanesca da periferia	16
1.3 A perspectiva deste trabalho de pesquisa	21
2. PROCESSOS DE CONHECIMENTO	23
2.1 Uma história da periferia para o livro, deste para o centro urbano	23
2.2 Desdobramento das hipóteses e descoberta de conhecimentos	24
2.3 A imagem acústica das palavras do poema “Datilógrafo do Gueto”	26
2.4 A relevância literária e social da obra de Ferréz	27
2.5 A viabilidade de Capão Pecado no contexto da literatura marginal	28
2.6 O reconhecimento da obra de Ferréz por outros escritores da literatura marginal	30
2.7 Capão Pecado, um romance emergido da periferia de Capão Redondo	31
2.8 O Livro	33
2.9 A multiplicidade de Capão Pecado e a diversidade de Capão Redondo	35
2.10 A heterogeneidade de Ferréz, frente a presentificação de Capão Pecado	35
2.11 Imposição representacional de imagem	38
2.12 A narrativa trabalha com imagem para criar personagens	40
2.13 O Conceito fotográfico da Capa de Capão Pecado (2013	42
2.14 Uma história da periferia para o livro, deste para o centro urbano	45
2.15 Capão Redondo um desing da diversidade	46
2.16 O romance em Capão Pecado é a centralidade da história do livro	49
2.17 Da literatura ao hip hop, deste à literatura	53
2.18 A perspectiva do escritor Ferréz	55

2.19 Cultura híbrida uma identidade periférica	59
2.20 A perspectiva do escritor Ferréz	61
2.21 A literatura marginal e a cultura híbrida periféricas	63
2.22 Se eu quero, eu posso, eu sou (FERRÉZ, p.85)	65
2.23 Bem-vindos ao fundo do mundo – Capão Pecado	66
3. CONCLUSÃO	68
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
5. ANEXOS	72

1. INTRODUÇÃO

O romance *Capão Pecado*, objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, discute a história romanesca envolvendo dois jovens da periferia do bairro Capão Redondo da cidade de São Paulo. Era um romance conturbado e perigoso, por ser um triângulo amoroso entre Paula, Rael e Matcheros, longe de haver um consenso de quem realmente ficaria com Paula.

O contexto narrativo do romance *Capão Pecado* foi publicado pela primeira vez em 2000. A partir dessa época o livro ganhou visibilidade e propagou-se aos grandes centros urbanos. Essa ascensão como obra representante da literatura marginal periférica, surpreende até mesmo o autor – que disse: “Quem diria que tantos anos depois de nascido, meu filho me traria tanta alegria”(FERRÉZ, p.7).

Portanto, diante da relevância do tema: “uma história da periferia para o livro, deste para os grandes centros urbanos” busca-se analisar todas as conectividades do romance *Capão Pecado*, a fim de entender esse triângulo amoroso e sua trama, ou seja, o conjunto de conexões que construíram a história. Para isso, deve-se ter criatividade e transparência para falar de um assunto de amor e ódio juntos, envolvendo vozes da periferia. Tudo isso são fatos que estão inseridos na história do livro e constroem uma trajetória de vidas perdidas e de vidas que ainda se perderão. No entanto, a leitura dessa narrativa talvez seja atrativa pela corrosão que causa, pelo fato de abrir os olhos do leitor para uma realidade que muitas vezes ele nem percebe que existe. Como a dureza da dor do amor, a sujeição à dor da miséria, da criminalidade e da injustiça social que assola a periferia brasileira.

Diante desse universo de problemas na trama da história do livro *Capão Pecado*, parece ser uma literatura apropriada para ser dedicada a todas as pessoas que vivem no calabouço das periferias e sobrevivem as mazelas da favela. Enfim, àqueles que verão retratadas suas experiências e se identificam com os personagens do romance *Capão Pecado*.

Na realidade, o livro *Capão Pecado* pelo seu contexto literário, numa linguagem coloquial é “talvez um reflexo de uma periferia que cerca toda a cidade”(FERRÉZ, p. 8). Portanto, é uma influência reflexa da periferia levada aos grandes centros urbanos, desvelando o enredo de um grande filme da vida real, exibindo a problemática da favela.

Diante da construção deste TCC que tem por objetivo analisar as representações da periferia no romance *Capão pecado*, enfatizou-se a busca de subsídios teóricos para essa composição.

Então, resolveu-se percorrer toda a órbita periférica, como se fosse um fio condutor do romance, a fim de entender o movimento dos personagens da história dentro do contexto narrado e fora dele, por se tratar de literatura marginal contemporânea, ou seja, uma literatura de testemunho. Isso tudo para compreender as problemáticas sociais e suas relações de causalidade com os processos de cidadania inconclusos no Brasil, a fim de conduzir o leitor a refletir sobre a complexidade desse lugar chamado periferia.

Assim, estipular o livro *Capão Pecado* como objeto de estudo desta pesquisa, não é mera coincidência, seu contexto e quem o escreveu, assemelham-se com a vida do autor deste TCC.

1.1. Uma história diferente

Não é, nem nunca foi fácil construir uma narrativa sobre você mesmo, pois, a autobiografia exige uma aprovação prévia de si próprio, de que irá interessar alguém. Diante desta reivindicação, lembrei-me da frase de René Descartes: “penso logo existo”. Desse pensamento iniciei um longo processo de escrita, sobre meu trabalho com “meninos e meninas de rua”, por ser uma atividade que me leva a refletir sobre as mazelas das favelas e a desídia do Estado para com elas.

Nasci em 1952, na cidade de Erval Grande, RS. Sou o segundo filho de uma família de sete irmãos. Não tive pai presente, me criei somente com mamãe, morando na casa da minha Vovó. Até os 17 anos de idade, vivi sob a proteção materna, morando no interior onde passei minha infância e juventude trabalhando na lavoura. Não frequentei escola nesse período em virtude da distância da cidade, além da falta de condições de transporte escolar que na época não existia e mamãe não tinha como levar os filhos até escola. Além disso tudo mamãe era analfabeta e sempre morou no interior longe dos bancos escolares. Portanto, não tinha noção do valor do estudo para os filhos.

Aos 18 anos de idade, fui para o Exército na cidade de Alegrete, RS, onde prestei serviço militar entre janeiro de 1970 a janeiro de 1971. Ao dar baixa do quartel fui morar na cidade de Erechim, RS, com objetivo de trabalhar e estudar. Consegui emprego em uma fábrica de telhas de argila e lá trabalhei por quatro anos. Nesse período aproveitei para iniciar meus estudos, pois havia um Programa de Alfabetização para adultos chamado Mobral, o qual cursei em 1972. Eu tinha então 20 anos de idade.

Na sequência das minhas buscas por estudos, em 1973 cursei o Supletivo Nível Primário, com duração de um ano.

Em seguida consegui avançar mais um pouco na escola, pois, através do Parecer 540/74 do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, institui-se o Curso Supletivo nível 4, equivalente a 7ª e 8ª séries, dos estudos curriculares normais do País. Por conseguinte, matriculei-me no Curso estudei um ano e prestei exames em fevereiro de 1975, obtive aprovação e concluí o 1º Grau.

Diante do que eu já havia conseguido em nível de estudos, já era o momento de seguir em frente. Então, em fevereiro de 1975 mudei para a cidade Pato Branco, PR, com objetivo de trabalhar e cursar o 2º Grau. Ao chegar nessa nova cidade consegui emprego e matriculei-me no Colégio Estadual de Pato Branco, no Curso Científico. Nesse colégio estudei por 3 anos e no dia 17.12.1977, concluí o 2º Grau.

No entanto, foram muitas as incertezas, por vezes me senti intimidado, autoestima diminuída, basicamente por estar com 25 anos de idade e profissionalmente ainda indefinido. Porém, um dia nasceu uma luzinha no fim do túnel: o concurso público da Polícia Militar do Rio Grande do Sul. Já com a idade limite para prestar esse concurso, pois eu tinha 25 anos e pelas regras do Concurso era esse o limite de idade exigido. Eu me inscrevi no Concurso e graças a Deus fui aprovado. Então, após passar no concurso eu mudei de Estado, do Paraná para o Rio Grande do Sul, onde realizei minha carreira profissional por 30 anos.

Construí essa narrativa sobre minha experiência de vida, que retrata desde criança, pelo desamparo paternal, econômico e cultural, fatos que estreitam minha relação com meninos e meninas de rua, cuja trajetória é semelhante à minha. Assim, nos anos entre 1982 e 1983, além das minhas atividades profissionais trabalhei como monitor voluntário de pequenos engraxates e pequenos jardineiros, todos meninos de rua, assistidos pela Secretaria da Cidadania e Assistência Social da Prefeitura Municipal de Erechim, RS, que instituiu um Projeto de Lei Municipal, criando Programas Sociais para menores de 18 anos de idade que se encontrassem em situação de abandono. Eram crianças que sofriam por separação dos pais, por falta de condições econômicas, além de sofrerem maus tratos da sociedade e das pessoas responsáveis por elas. Diante dessas conturbadas pendengas sociais nossa participação era tímida, porém, diariamente essas crianças recebiam comida, abrigo, carinho e escola.

Na Prefeitura Municipal de Erechim, havia um local designado a essas crianças onde todos os dias após o café da manhã o monitor distribuía uniformes estipulados para cada atividade desenvolvida pelos menores. Os engraxates recebiam uma caixa com pastas e escovas de sapatos e por três hora engraxavam calçados nas ruas da cidade. Os jardineiros, durante o mesmo período de três horas limpavam canteiros, plantavam flores e árvores pela cidade.

Assim, após essas atividades os grupos retornavam para a sede, onde era servido o almoço, fornecido pela Assistência Social da Secretaria da Cidadania e, em seguida, um ônibus escolar da Prefeitura Municipal conduzia todos para a escola. Pois, estar estudando era o carro chefe dos Programas Sociais e todas as crianças assistidas no Projeto necessariamente deveriam estar na escola, todas essas atividades educativas eram assistidas pelas pedagogas da Prefeitura Municipal.

Cabe salientar que na época (década de 80), o menor era amparado pela Lei nº 6.697/79 Código de Menores, que estabelecia amparo à criança e ao adolescente em situação de abandono. Porém, a finalidade da lei era muito ampla e pouco se fazia de concreto, por parte dos governantes aos menores que se encontravam perambulando pelas ruas, em procura de agasalho e comida.

No entanto, em virtude dessa falta de compromisso das autoridades com o menor em situação de abandono, muitos meninos e meninas, na tentativa de sobreviver, praticavam pequenos furtos e eram maltratados nas ruas da cidade. Ora, essa imagem era angustiante pois refletia a minha história de vida, diferente talvez só de época, mas com os mesmos sentidos de sobrevivência, ou seja, continuar a viver ou a existir.

Em 1984 fui transferido por necessidade do serviço, para a cidade de Porto Alegre, RS onde trabalhei por 6 anos. Nesse período de tempo participei do Projeto Alternativas de Atendimento a Meninos de Rua, promovido pelo Fundo das Nações Unidas Para Infância – UNICEF. Além disso fiz o Curso de Auxiliar de Enfermagem na Escola de Saúde Pública da PUC, em Porto Alegre.

Em 1990 fui novamente transferido por necessidade do serviço, para a cidade de Cruz Alta, RS. Lá retornei às atividades com menores de rua. Trabalhei como voluntário na área da saúde na Escola Estadual de 1º Grau Incompleto, no Programa Resposta Pedagógica Alternativa da “Escola aberta”. Eram crianças e adolescentes originários dos diversos setores paupérrimos da cidade, que na “Escola aberta” recebiam, além da alfabetização, a alimentação e os cuidados de profilaxia. Por conseguinte, minha participação por dois anos na Escola foi com o tratamento às crianças, desde lavar as mãos antes das refeições, cortes das unhas, cabelos e cuidados com piolhos e sarnas, parasitas frequentes nas crianças daquela época.

Em 1993 fui transferido para Erechim, em virtude dos protocolos militares de movimentação do pessoal interno, conforme a necessidade do serviço.

Esse meu retorno foi importantíssimo pois consegui dar andamento aos Programas Sociais da Prefeitura Municipal, nos quais eu havia trabalhado em 1982 e 1983. No entanto, nessa época já estávamos sob a égide do Estatuto da Criança e do Adolescente a Lei 8.069/1990, que dá proteção integral à criança e ao adolescente.

Diante dessa nova legislação de proteção ao menor abandonado, a Secretaria da Cidadania e Assistência Social da Prefeitura Municipal de Erechim instituiu novos programas de apoio e ressocialização dos “meninos de rua”. Eram grupos de Guarda Mirim¹ (meninos e meninas), Pequenos Engraxate, Jardineiro, Lavador de carros, Jornaleiro, Padeiro e Educadora de rua. E nesse novo Projeto eu fui incumbido pelo Comandante da Brigada Militar e pelo Prefeito Municipal para coordenar um programa com aproximadamente quatrocentos meninos e meninas em situação de abandono.

Por conseguinte, iniciei essa nova função trabalhando entre os anos de 1993 a 1996. Já com mais experiência no trabalho com crianças e adolescentes, pude observar que o número de crianças nas ruas continuava a crescer e os seus direitos continuavam a ser violados. Então, resolvi ampliar o Projeto com mais atividades sociais. Portanto, paralelo com o que já vinha sendo desenvolvido, ampliamos atividades com teatro e música, participação de meninos e meninas, ensinados por Professores da área, com objetivo de abrir porta na cultura de artes para essas crianças e adolescentes. Então, implementaram-se vários grupos de meninos e meninas participantes dos programas, a fim de que eles pudessem desenvolver seus talentos artísticos, almejando uma carreira profissional no futuro. Portanto, considerando as representações sociais diversas criamos grupos de atendimento por setores e com orientações comuns que justificassem esse trabalho em prol de meninos e meninas de rua em situação de abandono.

Diante desses programas de aprendizagem e ressocialização do menor em Erechim, atuei como coordenador por quatro anos. O Projeto tinha como objetivo proporcionar às crianças e aos adolescentes uma inclusão social pautado em um processo de ensino-aprendizagem fundamentado na realização de atividades de complexidade progressiva e focadas na contextualização da teoria e prática, sempre em conformidade com o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

Por conseguinte, os grupos formados por setores (conforme abaixo), eram identificados por uniformes característicos e funções de ressocialização específica, facilitando acompanhá-los para o seu desenvolvimento social e intelectual.

¹ É um serviço social em auxílio de jovens na missão de contribuir com a inclusão social no auxílio à qualificação dos adolescentes. Em anexo: fotos da Guarda Mirim em participação de eventos sociais promovidos pela Prefeitura Municipal de Erechim, RS.

Planilha de controle das atividades dos grupos de Meninos e Meninas do Projeto.

Nr	GRUPO	SETOR	FUNÇÃO
01	Guarda Mirim (meninos)	Eventos diversos/Escola	Auxiliar, acompanhar, esportes e estudar.
02	Guarda Mirim (feminina)	Eventos diversos/Escola	Auxiliar, acompanhar, esportes e estudar
03	Pequeno Engraxate	Pontos de engraxar/Escola	Engraxar sapatos, cintos, bolsas e estudar
04	Pequeno Jardineiro	Praças, canteiros centrais de rua/Escola	Preparar o terreno, plantar flores e árvores e estudar
05	Pequeno Lavador de carros	Posto de lavagem da Prefeitura/Escola	Secar os carros no lava a jato da Prefeitura e estudar
06	Pequeno Jornaleiro	Posto na Prefeitura/Escola	Entregar os jornais aos clientes assinantes.
07	Pequeno Padeiro	Padaria da Prefeitura	Auxiliar na fabricação de pães para os programas, escolas e creches.
08	Educadores de rua	Percorrer as diversas ruas da cidade	Criar vínculo com menores que não estão nos projetos.

Diante dessa narrativa sobre minha contribuição, concluo essa exposição autobiográfica referente ao meu trabalho em prol de meninos e meninas de rua em situação de abandono. Acredito ter dado um pouco da minha contribuição de vontade e força de trabalho, em prol de melhores condições de vida a essas crianças com quem tive contato através dos programas sociais.

Enfim, a minha satisfação pessoal é de que ainda hoje recebo informações pelas redes sociais de grande parte daqueles meninos e meninas, que estiveram comigo naquela época. Esses contatos me confortam e me alegram muito, pois, atualmente não são mais “meninos e meninas de rua”, são motoristas de caminhões, vans escolares, funcionários públicos, trabalhadores autônomos e de empresas privadas diversas.

1.2 Capão Pecado, uma história romanesca da periferia

O livro Capão Pecado traz diferentes formatos de uma história romanesca advinda da periferia. Essa configuração do livro é considerada uma importante e eficaz ferramenta da comunicação clara e concisa da contextualização de um triângulo amoroso, entre Paula, Rael e Matcheros. Assim, este trabalho de pesquisa com o tema: “uma história da periferia para o livro, deste para os grandes centros urbanos”, configura-se como porta voz da periferia. E se está diante duma questão preestabelecida de cujo contexto insere um romance cheio de contradições, escrito por Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz no livro Capão Pecado (2013)².

² O livro Capão Pecado (2013), do escritor Ferréz, constitui-se objeto deste TCC – De acordo com a NBR 10520 da ABNT/set. 2002, ela é a norma que rege atualmente a padronização dos trabalhos acadêmicos e técnico-científicos que se referem às questões de Citações Bibliográficas e Modelo, em formato .docx, para TCC de especialização, de acordo com a ABNT NBR 14724/2011.

Além disso, a trama do conteúdo do livro é vigorosa e penetrante, a narrativa mostra o movimento regular e periódico da rotina vivida pelas pessoas residentes no bairro Capão Redondo, cenário do romance Capão Pecado.

Por conseguinte, diante do contexto de Capão Pecado, constata-se verossimilhança com a ideia da temática pensada para este TCC, do que se ratifica a escolha do livro como objeto de estudo e pesquisa deste instrumento de avaliação final de curso. Além disso, o assunto vem de encontro com os meus anseios, que sempre foram aficionados por atividades sociais, principalmente aquelas advindas das favelas, das ruas, dos orfanatos, enfim, movimentos sociais de luta pela igualdade de todos os brasileiros. Com isso, além da experiência e vocação do autor com trabalhos sociais, se busca através de aportes teóricos sobre os problemas da favela, fortalecer a resistência em defesa dos marginalizados e, em oposição a desídia do poder público, para com à periferia.

Assim, Capão Pecado é uma obra portadora da voz da periferia e sua mensagem literária é estruturada por dois elementos principais de comunicação, a linguagem coloquial, que se materializa com todo o sistema de sinais convencionais, que se identificam com a literatura marginal contemporânea. Igualmente, pela língua, a qual representa, no caso da favela de Capão Redondo, um sistema de signos informais, com vocabulário rico em expressões metafóricas, elípticas e mais efêmeras (transitórias) que as da língua tradicional de natureza gramatical. Portanto, o elemento tangível é a literatura marginal, que representa o ente abstrato de uma cultura de contribuição, a ser implementada pelos jovens da periferia e do centro urbano. Assim, diante da contribuição do livro Capão Pecado, é relevante entender a história romanesca inserida nesta obra, por ser um retrato da periferia. Igualmente, ser o fôlego das pessoas de Capão Redondo e, deste ânimo fazer com que os habitantes do centro urbano ouçam a voz da favela.

Portanto, diante da relevância desse tema, buscaram-se aportes teóricos relacionados com a periferia, ou seja, à negação das promessas de transformação, de emancipação, de civilização e até revolucionárias da comunidade urbana. Por conseguinte, além de Capão Pecado, elenquei para o meu trabalho o Poema “Datilógrafo do Gueto”, do escritor Ferréz. Até porque a denominação poética deste Poema resulta justamente nessa negação pelo urbano, daquilo que seria de pertencimento da periferia. Pois, “mano da periferia” constitui-se de novas perspectivas para definir a literatura marginal como cultura popular. Tudo isso em virtude de ser uma definição de um sujeito pouco comum (Datilógrafo do Gueto) e possibilitar desconstruir um conceito fechado, de que a periferia é um mundo à parte, mas que poderá ser feito a partir de uma leitura de mundo.

Ou seja, compreender que a literatura marginal, advinda da periferia, colhe e recolhe experiências do sentido vivido e existido em favelas, reunindo em um mesmo tempo e espaço do eu, dos outros e do mundo.

DATILÓGRAFO DO GUETO	
<p>A vida é um pesadelo no qual não se desperta. Datilógrafo, escritor do gueto, buscador de autoestima E injetor do cão moderno. Eu sou terrorista literário, de fuzil bic na mão, A minha arma nuclear é a informação, Conseguiram do meu corpo a divisão, O sistema sempre de pistola na mão, Martin Luther King morreu em vão. Se eu for falar o que eu penso, E aí tem coisas que eu não conheço, É pornô-mundo é mundo-pornô Me mostra a nudez da sua cor. Amor pela quebrada virou frase de parachoque, A ideologia tá em crise, pra quem tá em choque, Pôr fogo no mundo para zoar, Pôr fogo nas igrejas prá ver queimar, O povo chora a dor, chora a dor,</p>	<p>Mensageiro da mentira para senador, Mas no meu peito é zumbi, e na mente é [?] No punho é só mano, é quebrada, é favela, São anos de rancor em vão Chega de tiração, Deus perdoa, eu não, O pavio é fácil de acender, No clipe tem tudo o que você quer ser, Mas na rua é tanta solidão, Mas na rua é tanta solidão, Verdades são mentiras, João, Anota aí a minha nota, Pro sistema hipócrita, Todo o mundo é fantoche, mas eu e vocês pelo menos, temos as cordas - (FERRÉZ, 2018)</p>

Fonte: https://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/11527.pd

Assim, o Poema Datilógrafo do Gueto, posto acima, é um conjunto de palavras que produz um rico diálogo, pois são palavras geradoras de outras palavras a partir de seus sentidos.

Portanto, a importância deste trabalho está no objetivo de entender a literatura marginal/periférica, através de recortes da produção literária de vários escritores marginais comprometidos com essa nova letradura.

No entanto, entre esses escritores está o Ferréz, que defende uma cultura híbrida, contra-hegemônica e constituinte de identidade periférica. Assim, a temática envolvida em minha pesquisa de estudo advém de assuntos definidos pela obra literária de Ferréz, em específico o livro *Capão Pecado* (2013), cujo contexto da literatura marginal, urge pela sua aplicação como voz da periferia, advinda de diversos personagens que compõem o livro, com suas experiências vividas e existidas na favela.

Portanto, diante da perspectiva do meu trabalho, em compreender a obra de Ferréz, deu-se total importância ao livro *Capão Pecado*, por ser uma obra de contexto periférico, que tensiona a classe urbana, enquanto sociedade tecnológica e de órgãos governamentais. Tal aspecto é importante e contribui para a justificativa da pesquisa proposta, na medida em que o meu estudo se retroalimenta das questões sociais da periferia e desta para os grandes centros urbanos. Por conseguinte, além das questões sociais da periferia, que passam pelos problemas de falta de segurança, de saúde, de alimentação, há o embate da criminalidade, envolvendo o tráfico de drogas, que abre as portas para a violência.

No entanto, paralelo ao tráfico de drogas na periferia do bairro Capão Redondo, há uma história romanesca, narrada em *Capão Pecado*. É um contexto, em uma linguagem coloquial, estruturada no ritmo do *rap* e das gírias, que são características da literatura marginal. Inclusive, talvez o livro seja um reflexo da periferia do bairro Capão Redondo, um dos mais violentos da cidade de São Paulo.

Portanto, diante da reflexão do tema proposto, ou seja, como narrar uma história da periferia para o livro e deste para os grandes centros urbanos, pode-se responder usando uma estrutura de coleta de informações pertinentes, por exemplo: ler atentamente *Capão Pecado*, procurando entender como esse romance virou livro. Além de perceber a trajetória do livro, saindo da periferia para os grandes centros urbanos. Essa busca de compreensão deve-se a esta pesquisa exploratória, que busca analisar de forma sucinta as relações de conhecimentos produzidos na periferia, como no caso, o livro *Capão Pecado* e sua relevância como literatura marginal contemporânea, sendo capaz de potencializar e fortalecer ações contra-hegemônicas, numa inserção propositiva da realidade global.

Além disso, vários outros aportes teóricos relacionados à pesquisa, devem ser estudados e investigados para o procedimento de absorção das informações, a fim de entender a vida das pessoas da periferia e suas necessidades de políticas sociais.

Assim, a partir da compreensão das mazelas da favela, refletir sobre ações que possam engendrar o bem-estar dessa população, através das políticas públicas destinadas a todas as pessoas que habitam em periferias.

Portanto, diante da historiografia da periferia, minha pesquisa busca uma metodologia de trabalho, que possa detalhar com exatidão toda ação proposta para desvelar uma história romanesca periférica, com carácter de ficção da realidade.

Para isso, parte-se de uma análise do livro *Capão Pecado*, que se constitui em três focos de estudos distintos, ou seja, o romance entre Paula e Rael, a linguagem coloquial e a presentificação dos fatos narrados no livro.

Além dessas proposições, busca-se entender o momento e o movimento das margens para os grandes centros urbanos. Para isso, deve-se realizar uma discussão teórica, sobre as mazelas da favela, ou seja, dos resultados dos estudos da periferia, da relevância da literatura marginal contemporânea e dessa movimentação da periferia para o centro da cidade, por necessidade de trabalho e de melhores condições de sobrevivência.

Por conseguinte, para a organização metodológica deste TCC, há a estruturação de uma sequência de estudos pertinentes ao assunto proposto. Ou seja, o livro *Capão Pecado*, como objeto principal de leitura, em virtude de ter um texto de leitura rápida, simples interpretação, com uma lógica de princípio, meio e fim. É uma obra dividida em cinco partes, com vinte e três capítulos, que abordam temas sociais, específicos das periferias, principalmente a violência relacionada ao tráfico de drogas, o alcoolismo, o desemprego, a imagem da mulher, entre outros temas. Portanto, a forma fragmentada da narrativa em partes e capítulos, abre-se para a reflexão sobre uma série de temas sociais vindos à tona em cada um desses fragmentos. O eixo central dessa narrativa encontra-se na tríade amorosa, entre Rael, Matcherros e Paula, na qual Rael é o protagonista principal da história romanesca.

Portanto, o desenvolvimento organizacional dos textos usados para os estudos da pesquisa é importantíssimo. Os textos devem ser organizados, de modo linear com a descrição, narração, exposição, argumentação, diálogo e esquemas retóricos. Enfim, com enumeração de ideias, relações de causa e consequência, comparação, gradação e oposição, a fim de possibilitar melhor a compreensão do leitor.

A motivação de meu trabalho situa-se, no ânimo desta pesquisa, em investigar os procedimentos de criação das políticas sociais, implicadas nas vozes advindas da periferia, em especial do bairro Capão Redondo, da cidade de São Paulo. Essas vozes da periferia soam desconexas muitas vezes, por ter um eco oprimido pela desigualdade social.

A expressão “dar voz aos oprimidos” ou “excluídos” tem sido bastante utilizada atualmente, porém, são ouvidas contidamente, talvez por ecoarem histórias reais das favelas. Histórias que parecem evasivas, mas carregam um contexto da realidade que existe ou existiu nos mais diferentes segmentos da sociedade.

No romance *Capão Pecado*, Paula e Rael, dão essa vazão cheia de significados.

-E aí, mano, como vai? –Tudo bem, Zeca. Vou bem, só minha mãe que não está muito bem. -Por que? O que aconteceu com dona Maria? –Ela tá com aquela dor de novo, tá ligado? E os médicos num sabe o que é! –Que pena hein! Ela é tão legal, não merece isso. –Pois é, mas já tá melhor. Ela tomou um chá e melhorou. –Tá certo; mas mudando de assunto, você tá mesmo lendo direto, é? –Bom, eu leio quase todo dia mesmo. –É, Rael, o Matcheros que me disse, ele ainda ligou que você pode ficar meio xarope de tanto lê. –Caralho! Que exagero do porra, esse Matcheros filho de uma porca é um fofoqueiro da porra, meu. –É, ele tava comentando, tá ligado? Mas cê sabe que ele leva tudo na zueira. (FERRÉZ, p.93).

No entanto, escoo nessa vazão grande quantidade de assuntos pertinentes à periferia, quanto a linguagem coloquial no ritmo do rap, cheia de gírias, que caracterizam a literatura marginal contemporânea. Nesse sentido, e de modo mais íntimo, a motivação desse trabalho também diz respeito ao modo da percepção do escritor Ferréz.

Na realidade, o interesse pela obra de Ferréz surgiu pela conduta social do autor, que escreve defendendo a literatura marginal, como uma voz advinda da periferia, sob forma de tensionar o urbano para ouvi-la. Assim, há uma construção de um movimento literário, capaz de influenciar na conduta social da literatura brasileira. Portanto, não resta dúvida de que os movimentos literários, como no caso da literatura marginal de Ferréz, produzem conhecimentos sobre os fenômenos literários surgidos em todo o mundo.

1.3 A perspectiva deste trabalho de pesquisa

A perspectiva deste trabalho é no sentido da possibilidade de compreender que só se consegue avançar, através de elementos de embates sociais, como por exemplo o livro *Capão Pecado* (2013). Tal aspecto é importante e designa uma relevância para a pesquisa, na medida em que demonstra uma organização dos conteúdos investigados.

Diante da perspectiva de avançar os estudos sobre a periferia, meu TCC organiza-se a partir do processo de conhecimento da obra, em vinte e três itens desdobrados em vários assuntos tratados no contexto geral da pesquisa em *Capão Pecado*.

Do item um ao vinte três constituiu-se informações com objetivo de analisar a temática do livro *Capão Pecado*. Iniciando pela análise de como uma história da periferia foi parar em livro e deste propaga-se para os grandes centros urbanos. Por conseguinte, faz-se o desdobramento das hipóteses a serem atingidas na pesquisa, pelas quais há a descoberta de conhecimentos, para a construção do trabalho. Ainda, lança-se o Poema Datilógrafo do Gueto, cuja linguagem coloquial, cheia de gírias, possibilita uma releitura interpretativa do contexto, através da imagem acústica das palavras.

Igualmente, aborda-se a relevância científica e social da obra de Ferréz, construída pela viabilidade de *Capão Pecado* no campo da literatura marginal contemporânea.

Diante desta construção de estudos, enfatiza-se o reconhecimento da obra de Ferréz por outros escritores da literatura marginal. Essa aprovação tem a ver com o livro *Capão Pecado*, de cujo romance emergido no bairro de Capão Redondo, ecoou como uma obra representante da periferia.

Para isso faz-se a sinopse do livro *Capão Pecado*, um livro que representa uma multiplicidade de fatos, diante da diversidade de Capão Redondo. Além de observar a heterogeneidade de Ferréz, frente à presentificação daquilo que existe ou existiu e foi narrado em *Capão Pecado*. Igualmente, observa-se a imposição representacional de imagens, como ícone indispensável no auxílio de uma boa interpretação da história narrada em *Capão Pecado*. Evidencia-se que a narrativa trabalha com imagens para criar seus personagens e elabora-se nesse espaço visual, um conceito fotográfico da Capa de *Capão Pecado* (2013), ratificando a imposição representacional de imagem.

O tema deste TCC, “uma história da periferia para o livro, deste para o centro urbano”, dá visibilidade à Capão Redondo, encimando-o a um desenho da diversidade. No entanto, o romance em *Capão Pecado*, centralidade da história do livro, é portador de uma linguagem coloquial, no ritmo do *rap*, do que valida a literatura ao *hip hop*, deste à literatura. Isso tudo culmina com a perspectiva do escritor Ferréz, que aborda no contexto do livro a cultura híbrida como uma identidade periférica em que o escritor Ferréz, além do romance *Capão Pecado* é um dos representantes. Por conseguinte, enfatizam-se as reações nostálgicas de Ferréz, que após muita luta, muitos não, vivências na “quebrada”, foi realmente reconhecido um escritor em ascensão.

Enfim, o foco é a periferia, a literatura marginal e a cultura híbrida, em ambos os termos se encontram peculiaridades importantes de resistência ao sistema elitizado. A periferia no Brasil é usada para designar loteamentos clandestinos, ou favelas localizadas em áreas mais centrais, onde vive uma população de baixa renda. A literatura marginal designa obras e autores que de alguma maneira se afastam do cânone, ou seja, suas obras literárias circulam fora do circuito comercial das grandes editoras. Além disso, os textos chamados marginais procuram se opor às principais tendências literárias em relação à cultura dominante. Finalmente a cultura híbrida é compreendida como um fenômeno em que as pessoas trocam experiências culturais e há um intercâmbio de hábitos e costumes.

2. PROCESSOS DE CONHECIMENTO

2.1 Uma história da periferia para o livro, deste para os grandes centros urbanos

O referencial teórico usado para o desenvolvimento dos contextos do tema deste TCC delimitou-se na história da periferia narrada no livro *Capão Pecado*, cuja centralidade é o romance entre Paula e Real. Porém, o livro alçou voo da periferia para os grandes centros urbanos.

Conforme relata o próprio autor: “*Capão Pecado* me proporcionou conhecer muitos lugares, entre estados, países e até ir mais longe, conhecer os corações dos seres humanos (FERRÉZ, 2013, p.8).

Portanto, diante desse referencial teórico discutido para essa monografia, busca-se apresentar o desdobramento do assunto, através do levantamento de hipóteses, capazes de encontrar uma possível solução de teorização do problema. Ou seja, conhecer através da pesquisa, os reais problemas sociais de *Capão Redondo*, berço de toda a história romanesca e localidade de residência do escritor Ferréz.

Por conseguinte, analisar uma história, inserida no livro *Capão Pecado*, parece ser de grande importância em meu estudo, a qual é portadora de uma linguagem coloquial, que caracteriza a literatura marginal. Isso tudo leva a entender o movimento da periferia para os grandes centros urbanos. Igualmente, compreender a história romanesca em *Capão Pecado*, como um retrato das dificuldades sociais, políticas e econômicas da periferia, bem como os conflitos dos relacionamentos amorosos entre jovens da favela. Assim, desenvolver um contexto literário capaz de interpretar a linguagem coloquial, como característica da literatura marginal contemporânea. Além de realizar uma discussão teórica dos resultados, enfatizando a problemática da periferia e a evolução da literatura marginal, como um reflexo dessas comunidades esquecidas pelos seus governantes. Em específico, meu estudo trata dos assuntos pertinentes ao bairro *Capão Redondo*, da cidade de São Paulo, cenário do romance *Capão Pecado*.

Enfim, entender a relevância e a importância do tema proposto, refletindo a respeito da pesquisa, como uma construção de sentido sobre os habitantes da periferia. Inclusive, há uma questão importante, o escritor Ferréz reside em *Capão Redondo*, daí sua onipresença no cenário da história de *Capão Pecado*, o que sugere ser uma literatura de testemunho, fato que levou alguns críticos literários a indicarem o romance como “ficção da realidade”, além de denominá-lo de literatura marginal contemporânea.

Assim, diante dessas questões todas, procura-se uma resposta com descrição pormenorizada do assunto, a fim de uma maior compreensão do livro *Capão Pecado*, objeto de estudo do trabalho.

2.2 Desdobramento das hipóteses e descoberta de conhecimentos

Diante do romance *Capão Pecado*, há hipótese de que a história narrada seja uma ficção da realidade, talvez pela suposição de que o autor reside em Capão Redondo, cenário dos fatos da narrativa, escrita por ele no livro.

Por conseguinte, em consonância conceitual com essas eventualidades, no romance *Capão Pecado*, pode-se perceber na catalogação do livro, a indicação de ser um gênero de ficção, no entanto, o escritor, na própria obra argumenta ser: “uma história que muitos resumiram como ‘Ficção da realidade’” (FERRÉZ, p.8). Portanto, há ratificação dessa hipótese que culmina com a conclusão de alguns críticos literários de que a história do livro é de testemunho, pela aproximação do escritor com os fatos inseridos em *Capão Pecado*, o que torna a suposição verossímil ou possível.

Podem-se agregar várias suposições no romance *Capão Pecado*, possibilitando a inclusão de gêneros variados, objetivando maior alcance da literatura marginal contemporânea, como uma linguagem popular advinda da periferia. Aliás, uma periferia que produz uma história emergida do povo de Capão Redondo, um bairro extremamente violento da cidade de São Paulo. Basta uma reflexão, para se sentir diante da hostilidade nua e crua, vivida pelas pessoas que habitam esse lugar. Inclusive, a finalidade proposta para o meu trabalho resume-se em um objetivo específico: entender o movimento da periferia no cotidiano dos moradores de Capão Redondo, suas histórias e trajetórias sociais. Assim, possibilitar que este TCC possa ser mais uma ferramenta para servir de informações da periferia para os grandes centros urbanos, através da pesquisa acadêmica e estudos afins.

Por conseguinte, o argumento que se usa metaforicamente sobre o movimento das margens em direção aos centros urbanos apresenta-se como novidade das margens, não apenas como tema de ficção, mas como concreta expressão de trabalho criativo e de resistência. É um movimento chamado de hibridação e agenciamento tensionado entre a periferia e o centro. No entanto, como nas ligações covalentes da união de orbitais atômicos incompletos, o fenômeno do movimento das margens para o centro, possui plausibilidade, ou seja, se pode aceitar como verdadeiro. No Brasil é verossímil esse palmilhar da favela para o centro da cidade, em busca de oportunidades pela falta de ações dos governos.

Sader (1988), comenta que o sujeito autônomo não é livre das determinações externas, mas é capaz de reelaborar essas determinações. Porém, essas reelaborações dependeriam de matrizes discursivas, ou seja, da Igreja, da política e do sindicalismo “[...]viu-se, no período, a emergência de um sujeito coletivo como um ato de afirmação de setores sociais até então excluídos do cenário oficial” (SADER, 1988, p. 29-30).

Diante desse tensionamento o importante é a preservação da comunicação entre as entidades, clara e concisa, como no caso, os vários significados que há por trás das palavras do poema, Datilógrafo do Gueto, mencionado na introdução do nosso trabalho.

O Poema contextualiza feitos da periferia, onde as pessoas sofrem e são as mais pobres e as mais exploradas, pois é na favela que a linguagem e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação, embora a potência exista, “pois, tudo isso é a vida e não a morte” (Negri apud Pelbart, 2011, p. 27).

Assim, a carência impõe ao pobre o improviso, pois ele ocupa um território, mas ao mesmo tempo o desconstrói, pois subverte-lhe o sentido do espaço de acolhimento. Isso tudo são imposições sofridas na favela, que muitas vezes, para que ela seja ouvida, o poeta reivindica, através de seus versos, como podemos ouvi-los e senti-los nos versos números 13, 16, 17, 18 e 19 do Poema Datilógrafo do Gueto, experienciado neste contexto: “Amor pela quebrada virou frase de paracheque”, “Pôr fogo nas igrejas prá ver queimar”, “O povo chora a dor, chora a dor”, “Mensageiro da mentira para senador”, “Mas no meu peito é zumbi, e na mente é [?] Além desses versos, elencamos o número 4: “Eu sou terrorista literário, de fuzil bic na mão”, verso que tem afinidade com o terrorismo literário, praticado por Ferréz, quando fala em defesa da periferia. Portanto, assim como os outros versos que compõem o poema, este traz palavras que designam outros sentidos, como no caso, a relação de plausibilidade com a literatura marginal de Rael, em Capão Pecado, que mostra as mazelas da favela de Capão Redondo fazendo um terrorismo com sua caneta “bic” na mão. A comparação parece ser sarcástica, porém, o terrorismo de Rael é de escrever o que pensa, sobre sentimentos amorosos, políticos, sociais, econômicos, culturais e uma boa dose de rebeldia. Ele, além do romance conturbado com Paula, vive na periferia como tantos outros jovens que moram em Capão Redondo. É de lá que saia todos os dias para estudar, trabalhar e buscar um futuro melhor para si e sua família. Porém, viver o cotidiano da favela significa estar lado a lado com o tráfico de drogas, que lhe coloca o dilema: seguir o caminho do crime ou procurar estudar e se esforçar para vencer na vida.

2.3 A imagem acústica das palavras do poema “Datilógrafo do Gueto”

Na realidade, esse embate entre centro e periferia forma uma imagem acústica, cujo significante juntamente com o significado, constroem algo mental, visto que é possível a uma pessoa falar consigo própria sem mover os lábios.

Por conseguinte, na busca por material relativo a problemática da periferia e literatura marginal, aderiu-se a imagem acústica das palavras do Poema Datilógrafo do Gueto, anteriormente enfatizado no item 1.2 Relevância do tema proposto para este TCC.

A verossimilhança da imagem acústica das palavras do poema, com a realidade de Rael, protagonista do romance Capão Pecado, se torna latente e pungente como signos da literatura marginal, se não for dado a devida semântica a essas unidades da língua escrita tão significativas.

Diante desse contexto apresentado, pode-se usar a imagem acústica das palavras do Poema, associada à realidade de Rael, visto que o significado na língua culmina com as ações praticadas por ele, no dia a dia da periferia. Por conseguinte, as palavras “terrorista literário”, auferidas ao Rael, constituem-se em imagem acústica da linguagem coloquial, cheia de gíria ou jargão, na qual se insere a literatura marginal. Essa apropriação da linguagem coloquial no livro Capão Pecado dá-se pelo cruzamento de tradições culturais diversas no bairro Capão Redondo.

Tudo isso, aliado à etnia e à mistura de gêneros históricos de São Paulo. Ou seja, com a presença da colônia portuguesa e com imigração de D. João VI e da Família Real para o Brasil, em 1808, favoreceu a presença de imigrantes das mais distintas nacionalidades tornando São Paulo uma mistura de grupos, de famílias, de raça, de tipo, de tribo, enfim, uma variedade de gêneros, divisão, classes e modelos. Igualmente, pela forma híbrida da literatura marginal, nas obras de Ferréz. No entanto, há necessidade de se pensar na semântica própria das palavras, que muitas vezes por falta de observações lexicais, assumem o caráter de fantasmas, chegando muitas vezes a não cumprir seu papel de comunicação.

Diante das observações dos sentidos das palavras do Poema “Datilógrafo do Gueto”, sentido próprio ou comum, idealizamos a presente monografia a partir da inserção deste Poema e do romance Capão Pecado. Ambos os contextos têm como perspectiva levar ao leitor uma imagem acústica da periferia, numa linguagem coloquial, cujos signos polissêmicos enfatizam uma literatura marginal contemporânea. Apesar de que, o termo marginal, ainda mantém um afastamento do cânone universal, o que caracteriza distanciamento de alguma maneira, de obras e autores dessa linguagem literária do cenário da língua culta.

Isso significa que a produção literária da literatura marginal possa estar circulando fora do circuito comercial das grandes editoras e das academias. Segundo Érica Peçanha do Nascimento a expressão “literatura marginal dos escritores da periferia” distingue os “textos produzidos por escritores da periferia dos demais textos publicados nos últimos quinze anos que poderiam ser classificados como ‘literatura marginal’” (2006, p. 18).

Assim, tendo como foco principal da pesquisa, a periferia, o livro *Capão Pecado*, nasceu no berço periférico de Capão Redondo, do que faz ser uma obra de grande contribuição para o crescimento dessa nova literatura chamada marginal, pelo olhar que vem de fora, das academias, das pesquisas e dos críticos literários.

2.4 A relevância literária e social da obra de Ferréz

O romance *Capão Pecado* do escritor Ferréz recebeu cobertura significativa da academia e de fontes de estudos e pesquisas, como uma obra de ficção da realidade, de linguagem coloquial, que o caracteriza como literatura marginal contemporânea. Isso tudo deu visibilidade ao escritor em nível nacional e internacional, conforme o próprio escritor relata no livro: “O *Capão Pecado* me propiciou conhecer muitos lugares, entre estados, países e até ir mais longe, conhecer os corações dos seres humanos” (FERRÉZ, p.8).

Por conseguinte, busquei conhecer a trajetória literária de Ferréz e entender a relevância científica e social do livro *Capão Pecado*. Primeiramente, vamos conhecer a trajetória do autor pelos contextos da literatura marginal, pela vida vivida no gueto, entre as vielas e as mazelas da favela. O Ferréz tem inúmeros projetos literários e sociais desenvolvidos dentro da comunidade de Capão Redondo. São todos projetos fundamentais para o fortalecimento do movimento de literatura marginal. Uma dessas realizações foi a organização dos três atos da edição especial da revista *Caros Amigos*, na produção literária de poetas e *rappers*. O desafio era superar a própria capacidade de inovação. Nessa promoção de trabalhos, Ferréz demonstra senso de organização, foram dez livros publicados, mais programas de entrevistas, além do empreendedorismo constituído como movimento social, apresentado na Loja 1DASUL, de sua propriedade.

Por conseguinte, várias outras ações sociais tiveram a participação do escritor Ferréz, que construiu sua carreira literária, por iniciativa própria, sabendo aproveitar cada oportunidade que lhe surgia.

Uma dessas oportunidades foi a publicação do livro *Capão Pecado* (2000), uma das mais discutidas obras de literatura marginal, por ser voltada à temática da violência da periferia.

Através da história da periferia, contada neste livro e, deste para os grandes centros urbanos, que a vida literária do escritor Ferréz foi impulsionada para o mundo da literatura. Por conseguinte, Ferréz escreve uma literatura de testemunho, pelo fato de residir desde pequeno no bairro de Capão Redondo, Estado de São Paulo, onde estuda e cria seus textos no embalo do berço da periferia.

Quanto à relevância social, há pontos fundamentais no livro que orientam as relações entre teoria social e prática social. Aquela, é uma estrutura analítica, no caso *Capão Pecado*, usado para estudar e interpretar os fenômenos sociais da periferia de Capão Redondo. Esta, é o conjunto de ações de encaminhamentos, no caso de Ferréz, o modo de ser e viver na favela do bairro mais violento de São Paulo, Capão Redondo, que rege sua vida e de sua família.

Ainda, outro ponto importante, de relevância do livro, é a história do romance entre Paula e Rael, que mostra a realidade nua e crua de um amor proibido. Principalmente em *Capão Redondo*, onde há uma lei que não permite que se namore alguém já comprometido (a), com um amigo (a), no caso Paula é namorada de Matcherros, amigo de Rael.

Por conseguinte, essa história amorosa está longe de ter um final feliz, “Rael sempre se recordava das frases ditas pelos seus amigos. “Primeira lei da favela, parágrafo único’: nunca cante a mina de um aliado, se não vai subir” (FERRÉZ, p.81). Assim, a falta de espírito de lealdade entre os “manos” gera tensionamento nas leis convencionais da favela, que pode chegar ao calabouço ou, a subida mais cedo para o patamar de cima, metáfora que todos conhecem na periferia.

Portanto, a Periferia une pelo amor, pela dor e pela cor, mas marca a ferro e fogo a traição desses sentimentos pelos seus membros. Assim, diante de tantos conflitos na periferia, Ferréz surge no cenário galopando contra o passado, na luta a favor de um futuro lindo, limpo e para todos os brasileiros.

2.5 A viabilidade de *Capão Pecado* no contexto da literatura marginal

O romance *Capão Pecado*, produzido por temas, formas e estilos diversos, é uma obra que exemplifica tanto a literatura quanto a ficção contemporânea.

O escritor Ferréz lança este livro no mercado em 2000, revelando o uso de um teor testemunhal e de uma intenção clara de representar seus iguais por meio da ficção.

Assim, minha pesquisa dedicou-se à análise do trabalho de Ferréz, que além de poeta, escreve muitos romances, como *Capão Pecado*.

A viabilidade de sua obra, através da literatura marginal contemporânea, possibilita e penetra o escritor no mundo dos livros, entre os quais *Capão Pecado*, que foi um dos contextos responsáveis pela sua ascensão literária. Ou seja, seu crescimento a nível nacional e internacional, impulsionado por uma literatura marginal, de ficção da realidade, que lhe proporcionou o conhecimento de mundo.

Além do seu crescimento como escritor, a fundamentada literatura marginal é uma voz da periferia, dedicada à luta pela igualdade do seu povo. Assim, devido a importância do livro *Capão Pecado*, para a literatura marginal, o meu trabalho busca refletir o Ferréz, como poeta, como escritor e como cidadão, morador da periferia, enfim compreender o universo literário dele e sua relação com a sociedade.

Portanto, *Capão Pecado* é o livro que projeta Ferréz no cenário literário, dando-lhe sucesso como escritor e experiência como empreendedor da literatura da periferia. Antes de *Capão Pecado*, Ferréz trabalhava como balconista, auxiliar-geral e arquivista, porém, aos doze anos de idade começou a escrever contos e poemas soltos.

Já aos vinte e dois anos lançou seu primeiro livro, “Fortaleza da Desilusão” (1997), que teve um sucesso contido junto à crítica. No entanto, foi somente com *Capão Pecado* (2000), que o autor conseguiu fazer com que a periferia fosse ouvida e lida no Brasil, Itália, Alemanha Portugal e Estados Unidos.

Diante do sucesso internacional da sua obra, o escritor reconhece que sua ascensão literária, deve muito ao livro *Capão Pecado*, inclusive, ao editar a “nota do autor” no livro, ele argumenta: “[...]de lá para cá muitos contribuíram para o crescimento do livro, do grupo Negro do Mano Aice, dos manos dessa nova literatura marginal, que tantos disseram que não ia vingar” (FERRÉZ, p. 9).

Portanto, há viabilidade de *Capão Pecado* ser bem sucedido em dois contextos, primeiramente debater a possibilidade de expressão daqueles que se situam à margem, na sociedade contemporânea e o segundo contexto é a chamada literatura marginal.

Capão Pecado é uma obra construída por várias expressões advinda da periferia, o que reforça seu teor comunitário. Pois, além dos inúmeros personagens retratados no livro, o romance aborda a vida de determinado grupo social, no caso em questão, os moradores do bairro *Capão Redondo*, na zona sul de São Paulo.

As vozes dos coautores do livro, aparecem ao longo da história, quase sempre em "manifestos" que são recorrentes: violência, injustiça social, miséria; sempre em um tom de denúncia ou desabafo.

Capão Pecado contextualiza uma história romanesca, no gênero de prosa ficcional, o que dá uma hesitante abertura editorial para a literatura produzida fora do campo canônico literário brasileiro, portanto, caracteriza-se como literatura marginal.

2.6 O reconhecimento da obra de Ferréz por outros escritores da literatura marginal

Em Capão Pecado, o escritor escreve um romance que teve grande repercussão no campo lexical periférico, ocupando um espaço importante dentro da linguagem coloquial utilizada cotidianamente no léxico popular, assim considerada uma literatura marginal contemporânea, originária da periferia. E por ser uma obra que recorre a uma literatura de testemunho, ela proporciona a aproximação da crítica literária, que avalia as principais características da literatura contemporânea. Assim, a coloquialidade e variação de linguagem encontram fluidez na oralidade e não requerem adequação às normas da gramática tradicional (norma culta/padrão da língua portuguesa).

Karl Eric Schollhammer diz:

O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10).

Considerando o pensamento de Schollhammer, quanto ao relacionamento do escritor com o contemporâneo, pode-se observar que o autor de Capão Pecado escreve objetivamente por meio de uma reflexão da sua figuração no cenário da periferia.

Isso tudo acontece por Ferréz estar no cenário da história narrada, conforme ele mesmo argumenta: “Sou apenas mais um guerreiro quilombola do exército de ZUMBI contrariando tudo e todos, com metas diferentes, planos loucos, mas ideais gigantescos” (FERREZ, 2013, p. 49).

Portanto, para melhor entendermos a fluidez na arte e no design que caracteriza a contemporaneidade, vejamos o que diz Beatriz Resende em seu artigo intitulado “A literatura brasileira na era da multiplicidade”. Ela comenta desconsiderando fatores de que a literatura é questionada em vendagem e problemas de publicação. Segundo a autora, a constatação é contrária, já que “se publica muito, que novos escritores e editoras surgem todos os dias, e que comenta-se e consome-se literatura” (RESENDE, 2008, p. 16).

Por conseguinte, diante das considerações da escritora, observa-se que o Ferréz é um escritor contemporâneo que faz parte do pós-modernismo, principalmente pelas mudanças sociais, culturais e artísticas, que surgiram com a sua literatura marginal periférica. Igualmente, através da cultura contemporânea, pelo fato de vivenciar o cotidiano do povo da periferia, contextualizando-o em suas obras.

Conforme Beatriz Resende (2008), o “aqui” e o “agora” surge como algo impositivo (necessário) na maioria das obras, conforme ela mesmo relata:

Há, na maioria dos textos, a manifestação de uma urgência, de uma presentificação radical, preocupação obsessiva com o presente que contrasta com um momento anterior, de valorização da história e do passado [...] O que interessa, sobretudo, são o tempo e o espaço presentes, apresentados com a urgência que acompanha a convivência com o intolerável (RESENDE, 2008, p. 27).

Sendo assim, o romance *Capão Pecado* sugere ser uma obra impositiva, ou seja, necessária para desvelar uma história de amor entre Paula e Rael, que se caracteriza por ser o retrato atual da periferia. Ou seja, o livro contextualiza o que acontece todo dia na favela, é uma espécie de documentário em forma de ficção ou romance, motivado pelos personagens que vivem na periferia. O escritor Ferréz narra a história que ele viu e ouviu, em *Capão Redondo*, um lugar cheio de histórias para serem contadas.

2.7. *Capão Pecado*, um romance emergido da periferia de *Capão Redondo*

Por conseguinte, a relevância dessa obra em meu trabalho, ratifica-se por ser uma história produzida em *Capão Redondo*, um dos bairros mais violentos da cidade de São Paulo. Portanto, os fatos narrados pelo escritor Ferréz em *Capão Pecado*, advêm do Bairro de *Capão Redondo*, atualmente um dos lugares difíceis de se viver, pelo aumento da criminalidade e a falta de participação do Estado. Por isso, é um bairro onde num piscar de olhos tudo acontece no mundo do crime.

Conforme é citado no Capítulo 5 do livro:

Os vizinhos ouviram os gritos e foram correndo ver o que estava acontecendo. Ficaram chocados, mas o que todos eles se perguntavam era como iriam dizer a Raulio que, durante o tempo que estivera preso por engano, além de ter perdido sua esposa, havia perdido também seus dois filhos. (FERREZ, p. 53).

Assim, esses fatos horripilantes do que se viveu ou existiu em *Capão Redondo*, parece paradoxal, mas propicia uma narrativa com qualidade de produção real. No caso do livro *Capão Pecado*, muitos críticos defendem uma história de ficção da realidade, talvez até porque o contexto é um reflexo da periferia, contada por alguém que reside na favela.

No entanto, a aproximação do narrador no cenário da história, sugere a presentificação dos fatos narrados ou, talvez uma reflexão de tudo o que cerca a periferia. Conforme descreve o autor: “um povo que serve comida, que lava os carros, que faz a segurança, que cuida dos filhos dos ricos e que muitas vezes não tem nem segurança para os próprios filhos, e que ainda tem esperança, embora cada vez menos sonhos” (FERREZ, 2013, p. 8).

O livro *Capão Pecado*, caracterizado como sendo uma obra de um produto contemporâneo e de um sujeito social concreto, permite a exploração de um universo riquíssimo, envolvendo o cotidiano das pessoas da periferia. Portanto, sendo o sujeito escritor do romance entre Paula e Rael, um ser social, possibilita a existência de um tensionamento desse ser com a origem dos seus contatos, ao planejar ou projetar as relações sociais nos diversos campos literários em que atua.

Por conseguinte, essa proximidade do escritor com os fatos, muitas vezes intensifica esses problemas na trama da própria história, como em *Capão Pecado*, quando o autor descreve sobre a desassistência do Estado com relação às políticas públicas, que deveriam melhorar as condições de vida da favela. Isso tudo gera uma reflexão, pela qual o autor dimensiona os acontecimentos dos fatos (segurança, educação, saúde, etc...), segundo a sua vivência em *Capão Redondo*.

Além disso, a falta do poder público expõe a população periférica à presença do tráfico de drogas, o que possibilita um caminho pedregoso para os mais diversos problemas de ordem social. Isso tudo está refletido e escrito em *Capão Pecado*, que caracteriza a aproximação do escritor com a periferia e sua indignação com a desídia das autoridades, para com seu bairro e seu povo.

Sendo assim, o que viveu ou existiu em *Capão Redondo*, forma o contexto do romance em *Capão Pecado*, ou seja, as falas das personagens são introduzidas numa narrativa, que pode dar uma melhor compreensão dos fatos inseridos no livro. Igualmente, se pode compreender que o autor é cúmplice da vida vivida em *Capão Redondo*, quando ele emerge sua inspiração literária, e metaforicamente traz à tona sua obra, referindo como se tivesse parido um filho.

Conforme o próprio escritor argumenta:

Quem diria que tantos anos depois de nascido, meu filho me traria tanta alegria. Um filho que daria a visão de lugares que nunca sonhei visitar, pois se minhas mãos doíam à noite durante a escrita (depois descobri que ganhei a síndrome do túnel do carpo), muitas vezes feita à luz de velas, nunca pensei na derrota, a gente não pode se dar ao luxo de pensar em fracassar. A história continuaria a ser escrita, não importando se as ideias tinham que ser escritas em guardanapos, em maços de cigarro ou muitas vezes na mão, a mesma mão que eu protegia no ônibus para que a tinta não borrasse, e minhas ideias se perdessem (FERRÉZ, 2013, p.7).

Portanto, a narrativa da epígrafe é um testemunho da realidade do escritor, que mesmo diante das dificuldades da periferia como morador, não se permite ficar na invisibilidade. Sendo um ferrenho defensor da sua literatura dita marginal, bem como do seu bairro e seus habitantes. Isso tudo, na tentativa de construir uma identidade por meio de seus escritos, de sua postura e atitudes.

2.8 O Livro

A importância de escrever uma sinopse é pelo fato dela ser a ferramenta mais importante para estimular o interesse do leitor por um livro. Inclusive, outro aspecto de suma importância diz respeito ao tamanho da história narrada e suas implicações de compreensão do assunto.

No entanto, a narrativa do escritor Ferréz em *Capão Pecado* está imbuída de representar as vivências da periferia até então excluídas da cena literária. Igualmente, excluída do processo simbólico do ponto de vista interno, que parece impor-se como mediador do seu texto. Isso tudo inviabiliza aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, criando as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem.

Diante dessas informações, insere-se em meu trabalho uma sinopse do livro *Capão Pecado*, como mais uma ferramenta de visibilidade da periferia e da literatura marginal procurando enfatizar a heterogeneidade de Ferréz, quanto ao convívio social, quanto as características de linguagem, nos formatos e na relação que se busca com o leitor.

O escritor Ferréz, em *Capão Pecado*, narra uma história acontecida no bairro Capão Redondo, periferia de São Paulo. Na trama da história, há um romance entre Paula e Rael, este é o personagem principal, que perpassa suas próprias convicções, ao namorar a “mina” do seu grande amigo Matcherros. Sabe-se que a traição na periferia infringe as leis ali convencionadas e o infrator tem que “subir”: na linguagem da favela, ele morre.

Rael é um jovem pobre que vive em um dos bairros mais violentos da cidade de São Paulo. Porém, mesmo vivendo cercado pela marginalidade violenta, como o tráfico de drogas, a criminalidade nas ruas, roubos de motos e outros furtos, Rael tenta seguir sua vida da melhor maneira possível. Uma das características marcantes dele é o gosto pela leitura. Mesmo lhe acontecendo algo ruim ou triste, Rael busca refúgio nos livros.

No entanto, a maioria dos seus amigos não são como ele, não conseguem fugir do círculo vicioso da violência da periferia, cujo resultado quase sempre é trágico.

Assim, o dia a dia de Rael e de seus amigos é o de experienciar e vivenciar as dificuldades financeiras, as festas, o tráfico e a violência sem trégua. Portanto, Rael percebe o mundo em que vive, com suas ironias e desigualdades e luta para que o sistema lhe ouça. Inclusive, ele faz uma menção sarcástica no início do livro: “Querido sistema, você pode até não ler, mas tudo bem, pelo menos viu a capa” (FERRÉZ, p. 11).

O romance *Capão Pecado* é um gênero literário que se constitui num espaço contraditório ao projeto humanista de modernidade (o ser humano é, não só a fonte de todos os valores, mas também a grande força capaz de construir e ordenar o mundo) .

Ou seja, ele denota a falência da inclusão de todos os homens neste projeto, pela relação de tensão entre o pertencer e o não pertencer. Rael é modelar dessa falência, compreendido como personagem principal do romance, flertador de Paula, namorada do seu melhor amigo Matcheros. Na história do romance ele não configura a peregrinação de um ser propriedade de alguém ou fazer parte do domínio de outrem. Aliás, o que vemos é o não pertencimento em favor da reiteração de um destino comum, no sentido de pertencer a muitos e morrer por poucos. Conforme relato:

Rael sentiu uma dor horrível quando o seu colega de cela enfiou a caneta em seu ouvido, ele só arregalou os olhos e pensou em seu filho, Ramon. Seu corpo foi retirado da cela pela manhã e encaminhado ao IML. Burgos estava sossegado agora, não corria mais o risco de ser caguetado, tava com dinheiro e comprou um Logus preto (FERRÉZ, p.181).

Diante da reflexão do pertencer e o não pertencer, ou seja, ser parte de um domínio ou não ser, analisamos a seguinte frase: “Há uma pequena árvore na porta de um bar, todos passam e dão uma beliscada na desprotegida árvore. Alguns arrancam folhas, alguns só puxam e outros, às vezes, até arrancam um galho” (FERRÉZ, p.187). Portanto, o homem que vive na periferia é igual a essa pequena árvore, aqueles que tem contato com ele, quase sempre lhe arrancam algo de valor.

Enfim, o livro *Capão Pecado* portador da produção cultural da periferia é o retrato dessa população pertencente a favela. Que está à margem da sociedade, mas que busca seu lugar no mundo a procura de um espaço de seu pertencimento. “É só olhar ao redor e ver que eles são menos abraçados a cada dia pelos seus, que eles não são acolhidos carinhosamente em um lar, e, sendo assim, nunca alcançarão o padrão social imposto”(FERRÉZ, p. 188).

2.9 A multiplicidade de Capão Pecado e a diversidade de Capão Redondo

Diante do caráter múltiplo do romance Capão Pecado e das diferenças culturais que existem entre os habitantes de Capão Redondo, há uma história romanesca entre Paula e Rael, que decidem viver um romance conturbado e perigoso dentro da periferia.

Paula e Rael, apesar dos códigos de condutas convencionado da favela, sobre amor de um comprometido com outro, arriscam viver uma vida amorosa conturbada, longe de ter um final feliz. Tudo isso acontece porque Rael se apaixona pela namorada do melhor amigo, Matcherros, dessa relação desencadeia uma faceta perigosa ao principal personagem do livro Capão Pecado. Pois, ao não conseguir manter seu namoro no anonimato, ele corre risco de vida e como o próprio Matcherros dissera: “Da traição, nem Jesus escapou” (FERRÉZ, p.177).

No entanto, Ferréz faz a gente gostar de Rael, por ser um jovem lutador e trabalhador, nos leva a respeitar suas escolhas e até a perdoar sua traição à Matcherros. Porém, o final do romance nos decepciona, mostrando que nada é o que se parece ser. Capão Pecado não poupa ninguém, o final da história é cruel, o livro narra a realidade como ela é, vivida por milhões de brasileiros de forma precária e esquecidos na periferia.

Portanto, Capão Pecado nos deixa um gosto amargo na boca e um aperto no coração. Pois é um livro que se resume em um retrato da favela, onde o povo está à margem da sociedade, mas luta ferrenhamente por um lugar ao Sol. Embora para isso, haja necessidade de várias coisas, algumas são de palmilhar as ruas em busca do que fazer, edificar os guetos, dentro do possível morar melhor, procurar estudar muito e saber conviver dividindo espaços, comida, forças e amor com os outros da periferia.

Por conseguinte, conclui-se que esse romance vivido por Paula e Rael se constitui numa história de final imprevisível, pelo calabouço construído pela própria comunidade periférica, principalmente, pela heterogeneidade cultural que existe em Capão Redondo. No entanto, a leitura e interpretação do romance Capão Pecado são fáceis e necessitam de bem pouco tempo. Isso se deve, em virtude de ser um texto curto e ágil, porém, deve-se ter cuidado com o grande número de gírias existentes.

2.10 A heterogeneidade de Ferréz, frente à presentificação de Capão Pecado

O composto de elementos ou partes de natureza diferente, no livro Capão Pecado, torna-o presente sob a forma de imagem. Assim, na busca dessa heterogeneidade do escritor, além do livro ser um objeto imagético, enfatizam-se outras imagens produzidas por Ferréz.

Uma delas é a entrevista acontecida no Programa Provoações, na TV Cultura, SP, com o jornalista Antônio Abujamra, que ao entrevistá-lo disse: “é um escritor que não mora nos jardins, não mora na Barra, não mora em Boa Viagem. Ele mora no Capão Redondo. Sabe onde é o Capão Redondo? A polícia militar sabe”.

Um dos bairros mais violentos de São Paulo, Zona Sul. Vocês não imaginam ser um dos bairros mais violentos de São Paulo, quer dizer, ser [o] mais violento do Brasil. Um escritor que jamais chegará à Academia, não só por morar no Capão Redondo, mas por escrever textos carregados de gíria da periferia, coisa que não pega bem nas “Casas acadêmicas” (ABUJAMRA, 2004).

Fonte: https://tvcultura.com.br/playlists/237_provocacoes-provocacoes.html

Diante dessas observações jornalísticas, pode-se ter uma ideia das diversidades sociais experienciadas por Ferréz, nas expressões culturais, diferenças físicas, étnicas, que muitas vezes podem virar uma discriminação contra a cultura, cor, raça, trabalho.

Essa vivência e experiência do escritor com a periferia é que constitui a verossimilhança da literatura marginal, com as mazelas da favela. Portanto, os problemas sociais contextualizados em Capão Pecado induzem para uma questão de estética radical, ou seja, voltada para a reflexão a respeito da sensibilidade e origem do povo da periferia.

Isso tudo em virtude de o autor ser também espectador da essência ou da natureza estilizada em sua obra, através de suas paixões, dos sentimentos de terror ou piedade vivenciados na contemplação do espetáculo trágico que acontece no dia a dia da favela.

O livro Capão Pecado, catalogado pela Editora Planeta do Brasil, como “ficção brasileira”, é observado pela crítica como sendo um romance de história real, que tem como principais protagonistas os jovens Paula e Rael, que residem em Capão Redondo.

A história de Capão Pecado é de testemunho contada por Rael, que vive o dia a dia da comunidade de capão Redondo. Isso significa que o livro passa a ser um documentário real, cuja história é narrada sob fortes emoções e até quebra de convicções para que fosse possível o romance e conseqüentemente a união de Rael e Paula.

O desvelar do romance se aproxima da realidade quando há a presentificação, que pode ser analisada pela crítica literária. Por conseguinte, diante da observação a respeito da ficção da realidade, a Professora Anelise Dias, do Instituto São José dos Campos, São Paulo, na seção #DicaDoAnalista, do dia 29.03.2016, escreveu:

Capão Pecado (Editora Planeta) não é um livro de ficção, muito menos de “ficção da realidade”, como é descrito em diversas críticas atuais sobre o livro. Pelo contrário, é um livro que documenta fatos reais. Quem se encarrega de escrever as cruas e verdadeiras histórias ocorridas em cada capítulo do livro é o próprio cotidiano do bairro Capão Redondo – uma reprodução dos capítulos da vida real nas zonas periféricas da cidade de São Paulo. (Anelise Dias – DicaDoAnalista. 2016).

Fonte: <https://www.ismart.org.br/2016/03/dica-de-livro-capao-pecado-de-ferrez/>

Sendo assim, independente de Capão Pecado ser considerado ficção da realidade ou documentário de fatos reais, pela crítica literária, ele é parte da chamada “literatura marginal”. Pois seu contexto consiste na exposição de ideias e pensamentos de um escritor que mora na periferia e comunga dos problemas diários do povo da favela. Por conseguinte, como morador de Capão Redondo, cenário do lindo romance entre Paula e Rael, contado em Capão Pecado, o autor escreveu essa história, em meio ao quadro de desigualdade social vivida na periferia. Conforme ele mesmo disse: “desigualdade, ruas de terra, quando chove o bairro fica isolado em muitos pontos” (FERRÉZ, p.171).

No entanto, apesar dos vários problemas da periferia, há em Capão Redondo um foco de esperança, sugerido nos muros grafitados, nas danças de quadras, nas pipas soltas nas nuvens, enfim em vários movimentos culturais que ainda resistem na periferia.

Sendo assim, diante dos vários problemas de Capão Redondo, o autor da literatura marginal periférica constata que há uma abundância de focos, ou seja, uma multiplicidade de fatos que geram uma certa urgência de uma presentificação radical, que permite a releitura imagética de tons e temas representados no livro Capão Pecado. Por conseguinte, a escritora Resende faz algumas observações muito pertinentes acerca de dois momentos de nossa literatura: a multiplicidade e a presentificação.

Segundo Rezende:

Multiplicidade é a heterogeneidade em convívio, não excludente. Esta característica se revela na linguagem, nos formatos, na relação que se busca com o leitor e – eis aí algo realmente novo – no suporte, que, na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação. São múltiplos os tons e temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura, postura que me parece a mais interessante e provocativa nos debates que vêm sendo travados. Há, na maioria dos textos, a manifestação de uma urgência, de uma presentificação radical, preocupação obsessiva com o presente que contrasta com um momento anterior, de valorização da história e do passado, quer pela força com que vigeu o romance histórico, quer por manifestações do ufanismo em relação a momentos de construção da identidade nacional” (RESENDE, 2008, p. 18 e 27).

Diante dos comentários da escritora Resende, sobre multiplicidade e presentificação, há possibilidade de experienciar esses dois momentos em Capão Pecado. Quanto à multiplicidade, observa-se que o heterogêneo está presente no livro, pela linguagem coloquial usada, que dialoga com excesso de gírias, o que caracteriza as diferenças culturais que existem entre os grupos humanos que habitam a periferia. Assim, existem outras multiplicidades no contexto de Capão Pecado, como a falta de uniformidade gramatical, ou seja, coerência na fala, cujos termos temporários usados (gírias), podem ser excluídos da linguagem popular com o tempo.

No entanto, esse fenômeno da multiplicidade é factível em *Capão Pecado*, pelas múltiplas formas de aplicabilidade da linguagem coloquial, que busca expressar os tons e temas, na construção do romance entre Paula e Rael. “Aqueles” significam cada uma das diferenças que se notam nas vozes inseridas no texto, “este”, ou seja, o tema, indica a proposição que o autor deu à sua obra, no sentido de levar a literatura marginal da periferia, para os grandes centros urbanos.

2.11 Imposição representacional de imagem

A coerência entre imagens e composição social ocorre cotidianamente, do que se podem sugerir diferentes maneiras de estabelecer ligações com a realidade semiótica, ou seja, fazer uma analogia entre a “Gramática Sistêmico-Funcional e o Design Visual”, Halliday(1985). A “Gramática” vai além de regras formais de correção. “Ela é um meio de representar padrões da experiência. Ela possibilita aos seres humanos construir uma imagem mental da realidade, a fim de dar sentido às experiências que acontecem ao seu redor e dentro deles”(Halliday, 1985:101).

Por conseguinte, essa visão que se tem da gramática com design visual, manifesta-se no trabalho, através de imagens produzidas em *Capão Redondo* e inseridas no livro *Capão Pecado* (2000). Isso tudo para proporcionar ao leitor uma releitura e interpretação do livro *Capão Pecado* com mais exatidão.

Portanto, sugere-se uma imposição representacional de imagem, para conduzir a uma compreensão de discursos já demarcados no cotidiano, ao contrário de criticá-los. Sendo assim, a determinação de performance induz à representação imagética, ou seja, estruturas genéricas advindas da dinâmica da imagem, caracterizada pela fotografia.

São imagens trazidas com o mesmo objetivo da inserção no primeiro livro *Capão Pecado* (2000), ou seja, com perspectivas de reforçar representações sobre a miséria e a violência instalada no bairro *Capão Redondo*. Inclusive, em algumas imagens há uma intencionalidade sarcástica, como nestas duas primeiras fotos postadas a seguir, com as seguintes legendas: “sem inspiração para cartão postal” e “sobreviventes”. Ambas retratam um rio totalmente poluído, que atravessa o bairro *Capão Redondo*. Há, em um determinado ponto do rio, uma ponte de madeira ligando as duas margens, com um trânsito de pedestres bastante acentuado diariamente. Enfim, essas imagens mostram um cenário de insalubridade, ou seja, atividades e operações cujas condições expõem as pessoas a situações de risco ou agentes nocivos à saúde.

No entanto, além da poluição horrenda do rio, a ponte está completamente dilapidada, obviamente pela desídia do Estado.

Conforme reportagem do “Bom dia São Paulo” de 05.01.2015: “o desmoronamento das margens do córrego Ribeirão dos Brancos coloca em risco casas na Rua Luzia Dias Santana Bonfim, no Capão Redondo, na Zona Sul de São Paulo. Os moradores contam que o problema se agrava com a chuva”.

Fotografia do rio de Capão Redondo

Fotografia da ponte sobre o rio de Capão Redondo

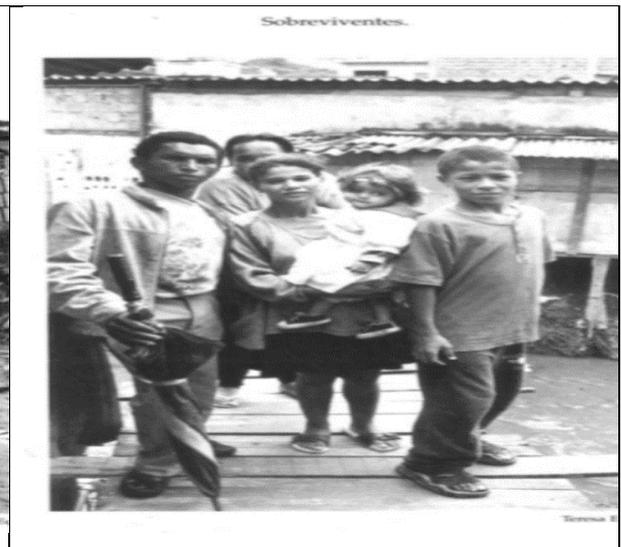
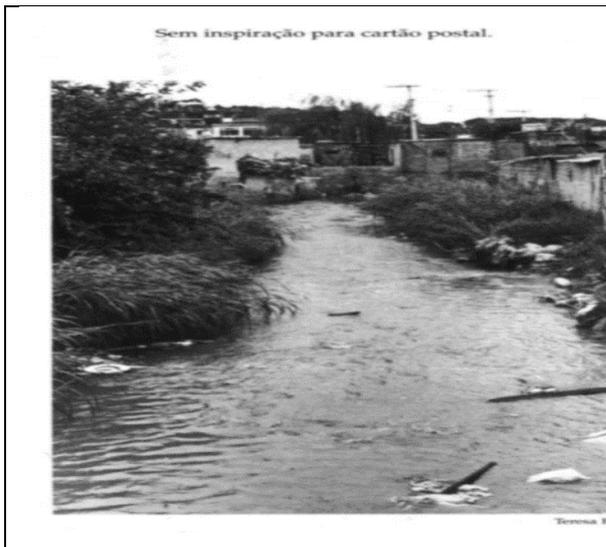


Figura 1 Foto em Capão pecado.
Fonte: Ferréz (2000)

Figura 2 Foto em Capão pecado.
Fonte: Ferréz (2000).

As fotografias utilizadas no contexto deste trabalho têm como objetivo complementá-lo visualmente, na perspectiva de seduzir o leitor duplamente. Ou seja, pela leitura do texto de maneira linear e, conseqüentemente, através de leituras de imagens de maneiras diversas. Sabe-se que não é possível ler uma imagem, como se lê uma frase. As imagens não podem ser lidas de maneira linear, elas nos obrigam a reler, em todas as direções possíveis, logo, a duvidar da primeira leitura, porque não se esgotam em apenas uma linha, elas devem ser lidas: desde antes, desde depois, desde fora da própria imagem.

Flora Sussekind (2004), entende que Capão pecado é um romance de importância documental inegável, traz um contexto do cotidiano da periferia, que mostra a violência excludente da população do bairro Capão Redondo. Além disso, ela comenta que o livro é um “texto enxuto, com frases curtas, dicção paradoxalmente leve, de crônica, cheio de apelidos, expressões de gueto, ditados e exemplos de violência verbal, muitos diálogos e um verdadeiro exercício tipológico” (SUSSEKIND, 2004, p. 12).

2.12 A narrativa trabalha com imagem para criar personagem

Sendo assim, o exercício tipológico comentado pela Sussekind, em *Capão Pecado*, parte de sua observação na narrativa do livro.

Segundo Sussekind, a narração trabalha com figuras, termos concretos para criar as personagens e fazê-las agir em determinados lugares. É a exteriorização de um fato ou acontecimento por meio de formas verbais que denotam ações continuadas.

Portanto, a incorporação de fotografias na primeira edição de *Capão pecado* é um tema que Sussekind discute em profundidade na sua análise, destacando que produz uma “relação de dependência discursiva evidente do modo narrativo com relação à sua contraparte visual” (SUSSEKIND, 2004, p. 12). Além disso, Sussekind acrescenta que a incorporação de fotografias em determinados contextos do livro *Capão Pecado* tende a empobrecer os recursos narrativos, porém, reforça uma escrita constitutiva de imposição documental, que tende:

[...]tanto à reprodução de tipologias e conceituações correntes, estandardizadas, com relação a essas populações, quanto ao congelamento da perspectiva (à primeira vista, aproximada) de observação numa presentificação restritiva, estática, fundamentada no modelo da coleção, e não na experiência histórica propriamente dita (SUSSEKIND, 2004, p. 12).

Por conseguinte, o pensamento de Sussekind possibilita acreditar que fotografias inseridas em determinados contextos se constituem de uma tipologia respaldada pela intenção de mostrar a inter-relação de circunstâncias que acompanham um determinado fato ou uma situação.

No caso de *Capão Pecado*, as fotografias inseridas têm como objetivo retratar as mais diversas condições de miserabilidade do povo de Capão Redondo. Efetivamente algumas dessas fotos parecem demonstrar uma presentificação restritiva, porém, historicamente elas são fundamentais, no sentido de enfatizar uma literatura marginal imagética. Principalmente, em *Capão Pecado*, onde os caracteres tipológicos se referem na apresentação de seres e de objetos, cujas fontes advém de tipos familiares.

Portanto, a presentificação torna-se real em *Capão Pecado* que, apesar de culturas hegemônicas fazerem parte nas relações sociais, nas instituições, no universo concreto e abstrato da vida da periferia, a história narrada no livro não é um universo distinto, ela se inter-relaciona com alguns indivíduos e grupos, por meio de textos e imagens. Sendo assim, em meu trabalho, utilizo o expediente imagético, proporcionado pelos Fotógrafos Pedro Cardillo e Teresa Eça, ilustradores da primeira edição de *Capão Pecado* (2000).

Isso tudo sobre uma propensão de movimento da história narrada no livro, a fim de trazermos a articulação de práticas de comunicação mediadas por dinâmicas de leituras diversas. O que significa o processo de ampliação do mundo expressivo, cognitivo e perceptivo das pessoas. Pois a leitura de imagem é um processo que desenvolve a habilidade de ver, julgar e interpretar uma imagem dentro de seu contexto histórico, social, político e cultural.

Fotos do bairro Capão Redondo – “Morro do piolho, não é brincadeira”.

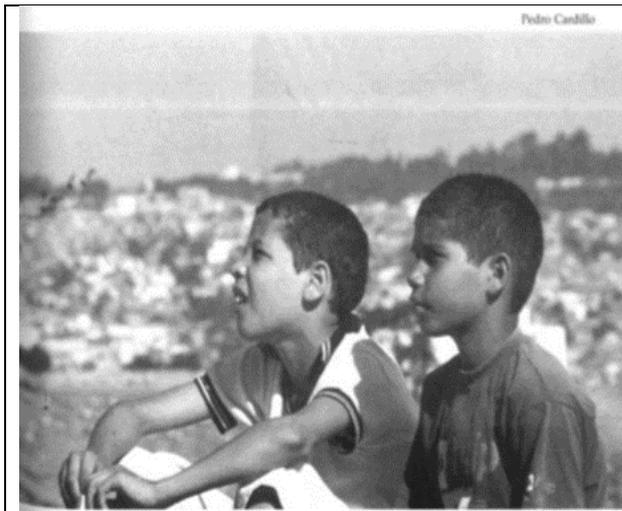


Figura 3 Foto em Capão pecado.
Fonte: Ferréz (2000).

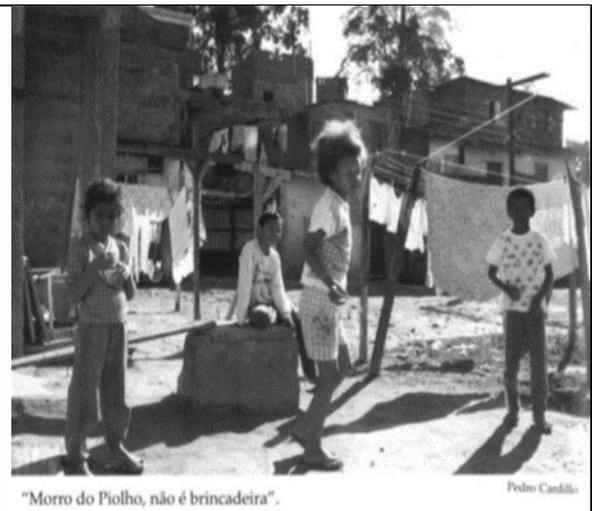


Figura 4 Foto em Capão pecado.
Fonte: Ferréz (2000).

As escolhas dessas fotos, entre outras já publicadas na introdução do meu trabalho, têm como função compreender que o escritor Ferréz comunga de uma capacidade de mobilizar diferentes tipos de vozes sociais em suas narrativas, encadeando tempo e espaço com dimensões da realidade representada em textos e/ou imagens. Diante dessas observações, a escritora Luciana A. Marques (2010) observa o pacto de verossimilhança de testemunho real do autor Ferréz, em *Capão Pecado*, considerada “uma história que muitos resumiram como ‘Ficção da Realidade’” (FERRÉZ, p. 8). Assim, sobre a ascensão de Ferréz no cenário literário brasileiro, Marques (2010, p.128) manifesta-se argumentando que a “falta de distanciamento histórico” não permite conclusões acerca da obra deste escritor, dificultando a sua inserção na cena cultural do país. Segundo Luciana Marques (2010):

Ferréz é mais “um jovem periférico, sem emprego e anônimo no meio de outros que se empenha em representar. A própria reedição de *Capão pecado* [sic] parece sinalizar uma mudança de postura que, mesmo que tenha partido de decisões tomadas pelos novos editores, foi aceita pelo autor. A exclusão das fotos do Capão Redondo e de moradores do bairro, entre eles o próprio Ferréz, que figuravam na edição da *Labortexto*, o deslocamento do prefácio para a função de posfácio (de maneira que um certo comentário autoral, no livro, não mais antecipa a ficção na hierarquia interna da obra), entre outras modificações abordadas neste trabalho, já parecem indicar um interesse maior em alinhar o romance em questão mais ao universo literário e livresco. (MARQUES, 2010, p.129).

A contextualização feita por Luciana Marques sobre Capão Pecado, versão 2013, pontua algumas características subjetivas importantíssimas, além de um amplo campo de reflexões sobre as mazelas sociais da periferia. Assim, refletindo sobre o conteúdo do livro, podem-se observar algumas características subjetivas, como a narrativa na estrutura de um rap, com fatos que se sucedem pela violência, sem muita perspectiva, além da prevalência da cultura pop tradicional. Em Capão Pecado, há manifestações culturais tradicionais, (grafite, passinho, rap, funk, teatro, rodas de samba), que são vistas como os elementos da cultura popular que compõem a identidade profunda de Capão Redondo. São vozes que ecoam como uma cultura pura, autêntica e comunitária. Porém, o mesmo não se pode dizer de manifestações populares urbanas (pinturas, intervenções, apresentações), que são desenvolvidas no espaço urbano e se diferem das atitudes e conceitos da periferia.

2.13 O Conceito fotográfico da Capa de Capão Pecado (2013)

As manifestações populares tradicionais, observadas como características subjetivas em Capão Pecado, além de possibilitarem um contexto histórico riquíssimo, sugerem abordagens visuais. Isso tudo, para uma maior compreensão da história romanesca, que além do texto escrito, poderá ser interpretada também por imagens. Assim, a abordagem visual da cultura popular, expressa em fotos, traz implícito um conceito fotográfico ao mesmo tempo que revela uma necessidade. No entanto, há uma necessidade subjetiva, na expressão de visões de mundo, testemunho de acontecimentos diversos, além de fatos corriqueiros, em momentos de gravidade ou de festa, sempre buscando mostrar a beleza e a dignidade da população periférica.

Por conseguinte, diante do argumento de Luciana Marques, de que:

A própria reedição de Capão pecado [sic] parece sinalizar uma mudança de postura que, mesmo que tenha partido de decisões tomadas pelos novos editores, foi aceita pelo autor. A exclusão das fotos do Capão Redondo e de moradores do bairro, entre eles o próprio Ferréz, que figuravam na edição da Labortexto, o deslocamento do prefácio para a função de posfácio (de maneira que um certo comentário autoral, no livro, não mais antecipa a ficção na hierarquia interna da obra), entre outras modificações abordadas neste trabalho, já parecem indicar um interesse maior em alinhar o romance em questão mais ao universo literário e livresco. O grande destaque ao nome do autor na capa da edição da Objetiva (2005), que não mais alude a uma imagem de favela, como era o caso da primeira, grafado em tipos maiores que o do próprio título, conota seu novo posto no novo cenário a que passou a ter acesso. (MARQUES, 2010, p.129).

Na realidade, essa exclusão das fotos da Labortexto (Capão Pecado, 2000) pode indicar, segundo Luciana Marques (2010), uma mudança na hierarquia do texto “ficção da realidade” (FERRÉZ, P.8), para “ficção” simplesmente, do que parece alinhar o romance ao universo literário, ou seja, é um verdadeiro convite ao mundo dos livros.

No entanto, deve-se refletir na arte ou processo de reproduzir imagens, sobre o valor da fotografia no texto. Por isso é pertinente lançar a “fotografia” da Capa do Capão Pecado (2013), no desenvolvimento do trabalho, por ser ela composta de vários elementos de reflexão. Ou seja, a linguagem fotográfica e suas finalidades, como ponto de vista, composição, planos, perspectiva, luz, forma e tom.

Por conseguinte, a fotografia tem uma linguagem própria e através do estudo dos elementos da linguagem fotográfica, descobre-se a capacidade narrativa desses elementos. Por exemplo, o lugar onde o fotógrafo decide se colocar para bater uma foto, o distanciamento da câmera em relação ao objeto fotografado. Entender que as fotografias são bidimensionais, possuem largura e comprimento, porém, para se conseguir o efeito de profundidade é preciso que uma terceira dimensão seja introduzida: a perspectiva. Enfim, esses elementos servem para orientar o estudo da fotografia.

Sabe-se que todas as formas de linguagens estão ligadas a semiótica, ou seja, um novo instrumento para uma compreensão mais abrangente dos fenômenos de linguagem, dentre eles os novos produtos dos meios visuais e sonoros de massa. Na realidade a semiótica é uma nova ciência que tem por objetivo qualquer sistema sógnico usado na sociedade humana. Esse tipo de argumento ratifica a fotografia como um signo em outro, capaz de comparecer como um locativo, de um fato vivido ou existido. Segundo Lúcia Santaella (1996), o signo é uma coisa de outra coisa que chamamos de realidade.

Conforme a própria Santaella (1996) relata:

O homem só conhece o mundo porque de alguma forma o representa e só interpreta essa representação numa outra representação que Peirce chama interpretante da primeira. Daí que um signo seja uma coisa de cujo conhecimento depende o conhecimento de uma outra coisa – que chamamos mundo ou realidade, ou seja lá o que for. Daí que, para o homem o signo é um primeiro, o mundo, e inclusive o próprio homem, é um segundo e o interpretante um terceiro. Para conhecer e se conhecer o homem se faz signo e só interpreta esses signos traduzindo-os em outros signos. (SANTAELLA, 1996, p.30)

Diante do estudo sógnico de Santaella (1996), envolvendo trabalhos sobre a teoria da imagem, são analisadas as capas de livros, pelos critérios de periodicidade (proximidade de publicação) e temática. Observando-se a diferença de representação imagética em suas capas, isso pode gerar uma dicotomia na compreensão e na interpretação sógnica dos livros.

Portanto, diante dessas informações, explicito a fotografia da Capa do livro Capão Pecado (2013), a fim de não dar margem para ambiguidades, observa-se a seguinte linguagem. A capa representa um céu nublado, escurecido, onde paira um coração de arame farpado, que cerca, em sentido figurado o livro Capão Pecado.

Desse sentido interpretativo da imagem, produz-se de um elemento utilitário cotidiano, que representa uma fronteira, uma limitação de espaço ou, ainda uma contensão intelectual de atenção e aplicação. Pois, uma cerca de arame farpado tem a função de restringir movimentos, de impedir passagens, até mesmo ferir pessoas, enfim, a favela permanece na capa.

SINOPSE DA CAPA – Livro que consagrou Ferréz.



Figura 5 Foto da Capa do livro Capão pecado
Fonte: Ferréz (2013).

Portanto, considerando a Capa de Capão Pecado, como imagem que predomina sobre o texto, há possibilidades de juntar momentos de recordações do romance do livro, que perpassam a Capa. Assim, além da reflexão sobre a tatuagem dela, no braço direito de Ferréz, leva-nos a recordar tópicos do livro, que manifestam tipos de sentimentos. Como a seguinte frase: “Quantas vezes minha mãe levou café durante a madrugada, página após página sendo tecida a coberta que me cobriria com o calor do título de escritor”(FERRÉZ,p. 8).

Assim, além do contexto cultural propiciado pela imagem da Capa de Capão Pecado, observa-se que ela pode funcionar como um objeto de análise dentro da nossa pesquisa, permitindo ao leitor uma outra forma de leitura, não linear como a do texto, mas visual, com uma releitura em todos os sentidos da fotografia, para melhor entender a história do livro.

Enfim, essa obra de arte, “Capa do livro Capão Pecado” (2013), apesar de ser considerada comum por Ferréz, ela foi muito bem pensada por seu autor, Elton Fernandes.

Fonte: (www.eltonfernandes.com), projeto concluído em 23 de maio de 2013.

2.14 Uma história da periferia para o livro, deste para o centro urbano.

A história central narrada por Ferréz no livro *Capão Pecado* descreve o romance entre Paula e Rael. Porém, além do romance, desvela o cotidiano das pessoas que residem em Capão Redondo, cenário de produção dessa literatura dita marginal. Em nota do autor, no início de sua narrativa, ele demonstra todo seu amor pela criação do livro, quando disse: “quem diria que tantos anos depois de nascido, meu filho me traria tanta alegria” (FERRÉZ, p. 7).

Por conseguinte, a história narrada em *Capão Pecado* tem como centralidade o lindo romance, entre Paula e Rael. Eram dois jovens, como tantos outros que moravam na periferia, onde o viver de cada um, pelas circunstâncias da aproximação, não escapam dos holofotes da curiosidade alheia. Paula e Rael até tentaram construir um romance discreto mas não conseguiram. Apesar de ficarem juntos, a história é complexa e difícil.

Rael era o retrato do dilema que vive a maioria dos jovens que moram em favelas. Infelizmente muitas vezes, esses jovens seguem o caminho do crime e das drogas, geralmente influenciados para superar suas condições de vida. Porém, isso não serve para Rael, um jovem honesto, que tem suas convicções morais, apesar de ser testado a todo momento. Inclusive, a certa altura do romance, ele se vê dividido entre a amizade por seu amigo Matcheros e sua paixão por Paula, namorada do amigo.

A história de amor vence mas, no *Capão Redondo*, todos sabem: “da traiçagem, nem Jesus escapou” (FERRÉZ, p. 167). Cientes disso, Rael e Paula ficam juntos, mudam para uma casinha nos fundos da empresa onde trabalham e têm um filho.

Mas a história está longe de ter um final feliz, pela forma convencional da periferia, de que é proibido namorar alguém já comprometido. Então, há uma questão a ser respondida por Rael. “Qual será o preço a ser pago por trair seus princípios”? Até porque Rael sabia que estava cometendo uma loucura em ficar com Paula. Isso fazia com que ele não esquecesse que na favela não se deve ficar com a mina do amigo, se não quer subir mais cedo.

No entanto, vivendo cercado pela violência, o jovem Rael tenta seguir sua vida normalmente escrevendo sua história e lendo muito, sendo que o gosto pela leitura é uma de suas características marcantes. “Muitos chegaram, muitos já se foram, mas a história continua aí, viva, entrando na vida das pessoas, influenciando-as e talvez até mudando destinos, assim como fez comigo” (FERRÉZ, p. 9). O livro é um instrumento utilizado por esse jovem escritor para fugir da realidade ou para emergir dela. Portanto, é uma realidade, incorporada ao escritor, cujas ocorrências são observadas de dentro, sendo elas que produzem a história da periferia narrada no livro e deste propagada para os grandes centros urbanos.

Conforme o escritor relata:

Um livro, talvez um reflexo de uma periferia que cerca toda a cidade. Um povo que serve a comida, que lava os carros, que faz a segurança, que cuida dos filhos dos ricos e que muitas vezes não tem segurança nem alimentação para os próprios filhos, e que ainda tem esperança, embora cada vez menos”(FERRÉZ, p.8)

Assim, diante dos reais problemas de miserabilidade existentes na favela do bairro, o escritor abre uma perspectiva para que, através da literatura marginal da periferia, seja possível denunciar a desídia do poder público, para com as pessoas que residem em Capão Redondo.

A vida em Capão Redondo é marcada pela violência que gera a miséria, bem como o compartilhamento de espaços com pessoas viciadas em maconha, cocaína, crack e alcoólatras, sem esperança e sem emprego. Esses fatos que desnudam o cotidiano da periferia, muitos deles estão em forma de episódios, narrados por Ferréz, em Capão Pecado. O autor constrói a obra com a autoridade de quem conhece de perto o dia-a-dia da periferia de Capão Redondo, um dos bairros mais violentos de São Paulo.

2.15 Capão Redondo um desing da diversidade

Diante do retrato da violência em Capão Pecado, muitas vezes há retratos que amenizam essa problemática, conforme mostra uma “fotografia “ exibida a seguir, do mercado Capão Redondo, com várias opções gastronômicas, para atender a população. Apesar dessas ações comunitárias, que realçam a ética e a moral dos habitantes de Capão Redondo, há um ensombrecer de muitas questões graves no bairro. Pois, diariamente muitas vidas são interrompidas inesperadamente, umas por arma de fogo, outras por armas branca, por motivos diversos, como: acerto de contas, vingança ou até silenciamento. Fotografia do Mercado.



Figura 6 Foto de Teresa Eça incluída em Capão pecado (2000). Fonte: Ferréz (2000).

Portanto, além do livro propagar-se entre a população dos grandes centros urbanos, ele leva até essa população textos e imagens do abandono com que se vive à margem do centro urbano, em especial Capão Redondo. Ou seja, uma periferia esquecida pelas autoridades, sendo que seus habitantes precisam enfrentar as situações de riscos na saúde, na segurança e na economia, todos os dias.

Na verdade, a falta de assistência do Estado contribui muitíssimo para o surgimento das mazelas sociais, que assolam as comunidades sofridas por esse modelo político, social e econômico do País.

Todas essas informações estão inseridas no contexto de Capão Pecado, ou seja, ocorrências da periferia narradas no livro que, apesar de serem perceptíveis como fatores comuns na favela, podem interferir na eficiência estilística da literatura chamada marginal. No entanto, a presença performativa do escritor no cenário da ocorrência literária, além de priorizar uma literatura de testemunho, dá qualidade e veracidade textual e de presentificação no conteúdo do livro.

Segundo Schollhammer (2009), os escritores que se dedicam a escreverem sobre problemas sociais e culturais do seu tempo, necessitam de reinvenção ou atualização do realismo literário. Pois, a concepção mostra que “as tendências podem facilmente mesclarem-se nas obras que se ocupam de representar o irrepresentável”. Segundo o autor:

A literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 15).

Portanto, se o pensamento de Schollhammer (2009), é de que as tendências pessoais podem misturarem-se nas obras, sugere que “a representação da violência manifesta uma tentativa viva na cultura brasileira de interpretar a realidade e de se apropriar dela, artisticamente” (2009, p. 3), visando a intervir nos processos culturais. Isso tende a demonstrar, que a realidade do contexto social e histórico em Capão Pecado, vivenciados por Rael, podem ser mesclados pela aproximação do escritor, na turbulência dos fatos narrados no livro. Por conseguinte, a narrativa do romance enfatiza a dimensão pessoal e íntima de Rael, com sua família, principalmente com a mãe. Do que se pode observar em alguns tópicos do livro, quando relata o dia em que Rael recebeu seu primeiro pagamento da empresa em que trabalhava, tendo se deslocado de imediato para casa, a fim de comunicar à mãe e dividir o salário com ela:

“Ele chegou em casa todo orgulhoso, e já havia separado a parte de sua mãe, mas ela não se encontrava na cozinha, isso era um sinal de que já estava dormindo. Rael foi conferir, e estava certo, dona Maria dormia, enrolada na única coberta da casa”. (FERRÉZ, p. 20).

Rael vive essa aproximação com as pessoas de Capão Redondo, cuja presentificação contribui com a personalidade dos fatos históricos narrados em Capão Pecado, em que ele é o protagonista. Portanto, sendo o personagem mais importante da história, fica óbvio que é em torno dele que se constrói a trama do romance com Paula. Por conseguinte, esse namoro vivido entre eles, enfrenta além dos problemas diários da favela, uma inquietude frente aos outros “manos”, pelo fato de Paula ser namorada de Matcheros, grande amigo de Rael. E na periferia é proibido roubar a namorada de um amigo. “Rael sempre se recordava das frases dita pelos amigos. ‘Primeira lei da favela, parágrafo único: nunca cante a mina de um aliado, se não vai subir’” (FERRÉZ, p.81).

Assim, além das atividades profissionais Rael (personagem de Ferréz) era muito dedicado aos livros, os amigos mais próximos sabiam e sempre o indagavam por isso. Assim, como Will e Dida que estavam morando fora do bairro Capão Redondo e vieram lhe visitar. “Rael, meu truta! [...] você continua lendo que nem um louco ainda? É, eu continuo estudando, né, mano. Tô comprando uns livros no Sebo do Messias lá no centro[...]” (FERRÉZ, P.36-37). Isso tudo, enfrentando uma favela, onde os jovens sofrem diariamente com as dificuldades financeiras, com as tentações das festas baladeiras, além de serem influenciados a participarem do submundo do tráfico de drogas, que concorrem para as diversidades do crime. Diante dessa problemática da periferia, o Ferréz escolheu outros caminhos que o levaram a se consolidar como escritor. Estudou muito e escreveu várias obras sobre os problemas que assolam a periferia, como a violência, a corrupção, que muitas vezes tornam o jovem pobre refém dessas aflições que corrompem o ser humano. Por conseguinte, o Ferréz nunca desistiu de lutar pelo reconhecimento de sua literatura em prol da favela, ele não se deu o luxo de fracassar e sempre confiou em si mesmo.

Conforme ele próprio argumenta:

A história continuaria a ser escrita, não importando se as ideias tinham que ser escritas em guardanapos, em maços de cigarro ou muitas vezes na mão, a mesma mão que eu protegia no ônibus para que a tinta não borrasse, e minhas ideias se perdessem (FERRÉZ, p. 7).

Assim, Ferréz escreveu “uma história da periferia para o livro, deste para o centro urbano”, produzindo em Capão Pecado, a literatura marginal contemporânea, como principal objeto de estudo deste livro.

Isso tudo se deve muito pelo não afastamento da temática periférica e das fontes teóricas legadas por pontes de diversas linguagens de formação clássica, reveladas pelos antecessores habitantes da favela. Portanto, o trajeto da linguagem coloquial da periferia, usada no contexto do livro sempre foi um caminho complexo e de preocupação do escritor, em virtude de ser uma literatura à margem da língua culta, portanto, antagônica ao cânone universal.

2.16 O romance em Capão Pecado é a centralidade da história do livro

Ao longo da história narrada em Capão Pecado, Rael é o protagonista do romance com Paula, tido como um contexto de centralidade do livro, sendo, portanto, um tema cuja narrativa gira em torno de Rael, um jovem simples, que gosta de ler e desempenha um papel de “certinho” no grupo de amigos. É um grupo de rapaziada que faz de tudo, “alguns usam drogas, outros roubam motos, outros matam por dinheiro”. O grupo de amigos de Rael com foco na história de Capão Pecado, é composto por vários personagens, entre eles: Paula, Matcherros, Burgos, Carimbé, China, Panetone, Capachão, Geová, Ratinho, Jacaré e Raulio. Além dos manos Wil e Dida, que acabaram de chegar de Paraisópolis e tinham conta com o tráfico de drogas de Capão Redondo. “Cebola, Panetone, Narigaz, Alaor, Amaral, Amarelos, Zoião, Sapo, Kim e mais alguns amigos acompanharam o velório que foi realizado no Cemitério São Luis” (FERRÉZ, 2013, p.45-46). O velório era de Will, morto por seu desafeto Burgos, “Geová, Ratinho, Jacaré e China jogavam bilhar no bar do Joaquim e demonstraram espanto quando viram Will [...] indo em direção a Cohab do Jânio. Os quatro riram quando viram Burgos passando logo em seguida, vindo como um demônio, bem na moralzinha atrás de Will” (FERRÉZ, 2013, p.45).

Além disso, formar um grupo é comum na juventude, na diversão e até na miséria, conseqüentemente vivem a truculência da polícia e comungam das rixas entre o pessoal da comunidade.

Portanto, esses fatos contados no livro acontecem no dia a dia da periferia, por exemplo: quando há desocupação de casas ou terrenos, pelo poder público. Geralmente são desocupações à revelia da vontade da população envolvida na questão. Além disso, essas ações são feitas sem que se tenha um local adequado para recolocar as famílias retiradas desses locais, o que as deixam apavoradas.

Conforme constata-se na narrativa em *Capão Pecado*:

Tá certíssimo seu Lucas, esses malucos aí ganham dinheiro às nossas custas, é carro importado, é chapéu de dois mil dólares e... Mas Rael não conclui a frase, pois Cebola abriu a porta com tudo, assustando até seu pai, que perguntou por que aquele apavoramento todo; e ele disse meio ofegante que ouvira falar que seu Pedrinho lá da Sedinha estava avisando os moradores que a prefeitura estava para tirar as famílias da favelinha. Seu Lucas permaneceu quieto e, quando Rael tentou pronunciar alguma coisa, foi impedido pelo gesto brusco de seu Lucas, que se levantou rapidamente, pegou sua blusa e saiu correndo como um doido (FERRÉZ, p. 23).

Por conseguinte, essas questões de desigualdades, que assolam os habitantes da periferia, tornam os diferentes grupos de jovens revoltosos que, organizadamente ou não, assumem a rebeldia como um escudo frente as fraquezas sociais, políticas e econômicas, além de serem chamados de “marginais”.

No entanto são pessoas, que pelos mais diferentes motivos, ocupam esses espaços na periferia e ficam desassistidos pelas autoridades. Além disso, muitas vezes são pessoas segregadas, até pelo ofício que exerciam, pela raça, pelas enfermidades, pela cultura, pela religião, fatores que os impedem de participar plenamente do convívio social. Conforme a narrativa de *Capão Pecado*, todo o mundo sabe das carências das favelas, mas ninguém faz nada para que isso seja revertido. Portanto, a única forma do povo da periferia não cair em armadilhas, segundo o escritor: “Basta acreditar que a revolução começa a princípio em cada um de nós. Se eu quero, eu posso, eu sou” (FERRÉZ, p. 85).

Diante do pensamento do escritor inserido em *Capão Pecado* e, com objetivo de aprofundar mais o tema sobre marginalidade, recorreremos a um recorte da obra de Jean Claude Schmitt (1998). Por conseguinte, este recorte trata o conceito de marginal, como “concepção historiográfica”, ou seja, um fenômeno de conhecimento, chamado de ciência, disciplina, arte ou saber.

Por conseguinte, essa questão da transitoriedade do ser “marginal” poderá ser observada em diferentes casos em *Capão Pecado*, que sugere não ser uma “literatura marginal estanque”, ela se movimenta e se adequa no tempo e no espaço, concorrendo para uma literatura periférica brasileira, que atravessa continentes. Conforme comenta o autor: “o *Capão Pecado* me proporcionou conhecer muitos lugares, entre estados, países e até ir mais longe, conhecer os corações dos seres humanos” (FERRÉZ, p. 8).

Sequencialmente na história do livro, o autor cita o cenário real (*Capão Redondo*), onde foi o berço da trama do romance entre Paula e Rael. Esse testemunho da presentificação dá substância à história do livro e contribui para chamar atenção do mundo literário sobre esse corpo marginal impositivo à favela.

Diante de todos esses fatos, o escritor sugere que abracem suas ideias positivamente, por entender e ter consciência de que as pessoas sofrem com o estigma da marginalidade, simplesmente por residirem na periferia. Conforme ele cita no livro:

[...] Mas e aí? Fazer o que? Como diz o Tim: -ah! Se o mundo inteiro me pudesse ouvir... Mas como todos nós sabemos que é muito difícil fazer com que o mundo inteiro nos ouça, nós mandamos um toque daqui, do nosso canto; de onde Deus escolheu para ser um lugar em que nem tudo dá certo, um lugar em que você pode perder a vida num piscar de olhos, um lugar que é considerado o Pecado das periferias, um lugar chamado Capão Redondo! O nosso lugar, descubra-o. Paz! (FERRÉZ, p. 85-86).

Diante desse comentário do escritor sobre a desídia do mundo literário, que na concepção dele, não ouve os gemidos das pessoas que sofrem com as mazelas das favelas, no livro Capão Pecado, ele manda um recado: “Querido sistema”, você pode até não ler, mas tudo bem, pelo menos viu a capa (FERRÉZ, p.11).

Por conseguinte, o escritor observa que há no livro pontos importantes que permitem se ter percepção da literariedade, ou seja, do conjunto de características específicas (diferentes grupos, diversas épocas), que possibilitam considerar um texto como literatura marginal.

Portanto, essa discussão é pertinente em Capão pecado, em virtude de ser uma literatura intimamente ligada ao autor da obra, que reside na periferia e se relaciona à passagem de sua história para o povo no papel de mediador. Assim, o histórico dessa comunidade alia-se à literatura marginal, principalmente na medida em que o próprio escritor se autodenominou marginal. Portanto, além de experienciar a vida do dia a dia da periferia, ele transfere para o livro suas observações e expectativa de uma literatura marginal popular.

No entanto, o principal desafio do escritor é tornar a literatura marginal uma marca registrada, não apenas para dar uma resposta ao Capão Redondo, mas também promovendo o orgulho entre seus moradores, para lutarem por um espaço digno de se viver, com esperança no futuro próximo. Essa mudança desafiadora no campo literário motiva encontrar representantes da literatura marginal, como o escritor Nascimento, que juntamente com Ferréz, ressurgem com uma nova filosofia literária.

Conforme relata Nascimento:

(...) eu sempre fui chamado de marginal pela polícia e quis fazer como o pessoal do hip hop que se apropriou de termos que ninguém queria usar. Já que eu ia fazer a minha revista maloqueira, quis me autodenominar marginal. Eu fiz como os rappers, que para se defenderem da sociedade, aceitam e usam os termos ‘preto’ e ‘favelado’ como motivos de orgulho. Depois surgiu a revista [Caros Amigos]. (FERRÉZ apud NASCIMENTO, 2009, p. 43-44)

Assim, a nova filosofia literária, observada na epígrafe, demonstra a consciência dos escritores em analisar *Capão Pecado* como força produtiva de uma literatura marginal com impulso social, por ser uma prática literária vinculada à periferia. Esse reconhecimento coletivo possibilita compreender as ações dos literatos, ao escreverem daquilo que se produz nas várias esferas sociais e culturais. Assim, na esfera da nossa problemática, que consiste em “como narrar uma história da periferia para o livro, deste para os grandes centros urbanos”? A resposta a esta questão, pode estar na natureza das relações entre filosofia e literatura. A filosofia significa amor, amizade e conhecimento, já a literatura é o uso estético da linguagem escrita.

Assim, dessas relações literárias, pode se entender a realidade dos habitantes de periferias, nos relacionamentos amorosos, nas amizades e no conhecimento de suas limitações econômicas, políticas e sociais. No caso de *Capão Pecado*, além da linguagem coloquial representada com muitas gírias, o livro sugere uma literatura marginal, através de um contexto voltado para o contexto social da periferia.

Conforme o próprio escritor observa:

Bom, de lá para cá muitos contribuíram para o crescimento do livro, do Grupo Negrodo ao Mano Aice, dos manos dessa nova literatura marginal, que tantos disseram que não ia vingar. Um livro serve para muitas coisas, no caso de *Capão*, serviu para fortificar amizades, como a dos manos que sempre ficaram lado a lado comigo, no desemprego, nos desenganos e nos desassossegos dessa vida tumultuada como as casas daqui (FERRÉZ, p.8-9).

Por conseguinte, essa nova literatura marginal, especificada por Ferréz, tem relação histórica com o literário que pertence à periferia. Portanto, o livro *Capão Pecado* trata muito bem essa relação do passado com o presente, numa literatura implementada por um texto ágil, de fácil leitura e interpretação, independentemente das gírias usadas. Por exemplo, no início do Capítulo I do livro, se constata uma série de termos utilizados para um conjunto de palavras que não têm um significado “base” na língua, porém, é factível sua compreensão.

Conforme observa-se nas seguintes frases do livro:

-Sobrevivo comendo coisas que ganho, mano, e até reviro os lixos, é mó treta com os cachorros, cê tá ligado? -Ah, Marquinho, o que liga é a gente dá um rolê, tá ligado? – Mas pra onde, mano? Tá mó calor da porra, e ontem eu fiquei vendendo algodão pra cacete, deixei de jogar no bar do Celso pra gente poder comer. Então vamos passar na casa do Burgos e chamar ele, quem sabe ele num tem mais uma grana pra ajuntar. – Tá certo, Fabiano, vamo lá (FERRÉZ, p.15,61,62).

Além dessa linguagem construída no texto, mostra-se também o gosto do autor por outras formas de expressão próprias da periferia, como o *hip hop*, de cujo o *rap* faz parte do repertório do mesmo, ou seja, do *hip hop* à literatura, da literatura ao *hip hop*.

2.17 Da literatura ao *hip hop*, deste à literatura

Capão Pecado é um livro impactante, escrito pelo autor Ferréz, numa linguagem coloquial, cheia de gírias e no ritmo do *rap*, o qual é um gênero musical que significa ritmo e poesia cantada a partir de um determinado ritmo. Ou seja, o DJ (disc jockey) cria uma base musical, para que o MC (Mestre de Cerimônia) faça suas rimas em cima dessa base. Talvez tenha sido, através do *rap*, que Ferréz conquistou visibilidade fora do gueto, além, é claro, da obra Capão Pecado. Tudo isso aliado ao contexto artístico de Ferréz, sendo ele um romancista, contista, poeta e empreendedor, costuma utilizar em suas obras a chamada "literatura marginal", por ser desenvolvida na periferia com a temática desse universo.

Além de Capão Pecado, lançado em 2000, Ferréz já publicou “Fortaleza da desilusão – 1997, Manual prático do ódio – 2003, Amanhecer esmeralda – 2004, Ninguém é inocente em São Paulo – 2006, Inimigos não mandam flores – 2006, Cronista de Um Tempo Ruim – 2009, Deus foi almoçar – 2011, O pote mágico – 2012 e Os ricos também morrem – 2015”. Por conseguinte, em suas obras, Ferréz traz à luz várias histórias da favela, que foram produzidas pelo povo da periferia e que permaneciam na invisibilidade.

Além disso, Ferréz se utiliza da linguagem construída, ou seja, a linguagem coloquial falada na periferia e que comunga com o movimento cultural *hip hop*, do que reflete a aproximação do escritor com o *rap*.

Por conseguinte, diante dessa análise que fiz no presente estudo, para observar a relação entre o movimento *hip hop* e a literatura da periferia, busco um ponto de partida, ou seja, o próprio autor da obra. Em virtude de sua multiplicidade de atuação no campo do *rap*, conforme já foi dito, um dos pilares de sustentação dessa proposta artística revolucionária, que é o *hip hop*.

Segundo Souza (2007), o *hip hop* é um movimento cultural “[...]estadunidense, datado da década de 1970, que emerge nos subúrbios de Nova Iorque – mais especificamente, no bairro do Bronx, por jovens negros e hispano-americanos dos guetos pobres” (SOUZA, 2007, p. 83).

No entanto, no Brasil, o movimento *hip hop* se deu em São Paulo, na década de 80. Nessa época muitos artistas aproveitaram o movimento para expressarem em suas obras literárias ideias das questões sociais, políticas e econômicas, do cenário brasileiro.

O movimento *hip hop* possui quatro pilares essenciais, chamados de elementos artísticos. O primeiro deles é o *rap*, que se originou entre os negros americanos, numa maneira de cantar em exibição de réplicas; porém, no Brasil, o *rap* surgiu como uma maneira de falar, usando ritmo e rima.

Outro pilar importante é o *DJing*, praticado por um artista profissional que seleciona e reproduz as mais diferentes composições, sejam elas previamente gravadas ou produzidas na hora, para um determinado público alvo. Igualmente, destacam-se a *breakdance*, um estilo de dança de rua e o *graffiti*, que é a escrita feita com carvão, gravada ou desenhada nas paredes e nos monumentos das cidades.

Conforme Mariane Lemos Lourenço, “o movimento *hip hop* é considerado pelos jovens a voz da periferia, uma cultura de rua, um estilo e uma filosofia de vida, um movimento de revolução, atitude e protesto, marcado pela realidade e o desejo de mudanças” (LOURENÇO, 2002, p. 3). Por conseguinte, essa cultura e estilo do movimento *hip hop*, propagaram-se no Brasil, principalmente, com os chamados bailes *black*, nos quais, por volta da metade dos anos 80, já tocavam os primeiros *rappers* brasileiros. No final da década de 80, a música desses bailes já era a trilha sonora da maioria dos jovens pobres das nossas favelas.

Diante da evolução filosófica do movimento *hip hop* brasileiro, abrangendo os jovens pobres das bordas dos grandes centros urbanos, houve a necessidade de estruturá-lo como linguagem representativa das diversas classes. Por volta de 1989, foi criado o “movimento *hip hop* organizado”, que tinha como finalidade principal divulgar o canto *rap*, a *breakdance* e a expressão visual, através do *graffiti*, principalmente à juventude que habitava as favelas brasileiras.

Segundo Costa e Menezes:

O hip-hop e seus elementos compõem, assim, um campo político capaz de fazer apelo às mais diversas linguagens, sonoro-auditiva (rap/dj), gestual (break) e visual (grafite), seus valores e filosofia aos poucos vão sendo compreendidos e incorporados pelos jovens urbanos e pobres, construindo sua identidade como um estilo cultural que tem origem nas ruas das cidades e que expressa o cotidiano das periferias (COSTA e MENEZES, 2007, p. 5).

Portanto, a contextualização da literatura marginal pelo movimento *hip hop*, a partir dos seus quatro pilares essenciais (*rap*, *DJing*, *breakdance* e *graffiti*), contribuiu na propagação das noções de comunidade e de território, considerando os níveis de comunicação, com o propósito de alterar as desigualdades em que os jovens estão imersos.

Assim, apesar das dificuldades para a ação política, os jovens do movimento “*hip-hop*” garantem a formação de um sentimento de pertencimento. Portanto, diante das possibilidades de amenizar as desigualdades socioeconômico da periferia, através do movimento *hip hop*, Ferréz cria a 1DASUL. Significa uma marca para promover o *lifestyle hip hop* (estilo de vida hip hop) da periferia sob a forma de camisetas, bonés, bermudões e acessórios.

Ela foi criada pelo escritor, em abril de 1999, com objetivo de ser o orgulho da periferia de Capão Redondo, com o significado: todos somos um pela dignidade da zona sul. Além dessa marca, Ferréz produziu um DVD 100% Favela (vol. I), com diferentes grupos, ao lado de Negrodo e Talentos Aprisionados.

Igualmente, o escritor lançou um documentário “Literatura e Resistência”, que conta com a participação de vários atores da cena *Hip Hop* e da Literatura Marginal. O próprio Ferréz, ao ser questionado sobre as críticas ao termo Literatura Marginal, sob a alegação de que seria mais um estereótipo para a periferia, e foi taxativo ao responder: Que ele não liga para os que falam dele e do seu trabalho, afinal os críticos exercem sua função, e ele, a dele. Ainda Ferréz complementa, que se ele fosse dar atenção para tudo o que falam, estaria vendendo pão até hoje.

2.18 A perspectiva do escritor Ferréz

Ao analisar a perspectiva do escritor Ferréz em seu livro *Capão Pecado*, percebe-se uma característica tridimensional do escritor, quando ele transfere a centralidade da história da obra, ao seu personagem Rael, que o representa na responsabilidade de ser um escritor marginal, na função de escrever sobre a periferia e na profundidade de ser o protagonista do romance *Capão Pecado*. Portanto, essa trajetória de Rael possibilita entender a dimensão da literatura marginal, produzida por Ferréz, com a sensibilidade e observação de um escritor comprometido com a periferia.

Por conseguinte, foi através dessa perspectiva literária, que o livro *Capão Pecado* deu visibilidade ao escritor Ferréz, proporcionando-lhe um crescimento como escritor e, dando um maior conhecimento à toda sua obra. Com isso, houve maior acesso à pesquisa em seus livros, dando-lhe uma sensação esperançosa de um maior intercâmbio global de conhecimento do seu trabalho literário.

Assim, a literatura marginal produzida por Ferréz tem como novidade o movimento da periferia, não apenas como ficcional, mas um trabalho criativo que dialoga com instâncias e sistemas hegemônicos, com objetivo de ampliar as vozes de resistência tensionadas entre a periferia e os grandes centros urbanos.

Portanto, esse aporte teórico cultural permite a compreensão da literatura de Ferréz como produção social, porém não desvinculada das outras práticas, que se encontram imersas na cultura da favela. Entre essas práticas estão os vários questionamentos sobre a problematização da necessidade de representação literária de grupos marginalizados.

Regina Dalcastagnè, em seu livro *Radiografia da literatura brasileira*, argumenta que a problematização de representação de grupos da favela passa pelo contexto literário contemporâneo, ou seja, vivem ou existem, ao mesmo tempo, a situação de injustiça social, pela miserabilidade econômica e cultural existentes na periferia.

Conforme ela mesmo relata:

Essa preocupação com a diversidade de vozes não é um mero eco de modismos acadêmicos, mas algo com importância política. [...] a injustiça social possui duas facetas (ainda estreitamente ligadas), uma econômica e outra cultural. Isso significa que a luta contra a injustiça social inclui tanto a reivindicação pela redistribuição da riqueza como pelo reconhecimento das múltiplas expressões culturais. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 47)

Sendo assim é possível descrever que a literatura marginal contemporânea tem em *Capão pecado* as vozes da margem, que surgem como resistência ao sistema elitizado do centro.

Na realidade, são vozes que têm como objetivo debater a possibilidade de expressão, na sociedade contemporânea, daqueles que se situam à margem, recebendo as migalhas residuais da vida. No entanto, para que se entenda a literatura como uma forma de representação, é necessário compreender os interesses e perspectivas sociais que interagem e debatem suas posições dentro da sociedade, ou seja, através do tensionamento entre periferia e centro.

Por conseguinte, são grupos sociais que defendem o acesso à voz e à representação de uma literatura marginal de pertencimento. Isso torna-os mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar de fala, tanto a voz da periferia, quanto a voz do centro.

Portanto, basta entender e saber quem fala e em nome de quem se fala. Por isso, cada vez mais, os estudos literários são necessários e impactam diretamente os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos seus grupos sociais. No entanto, para que tudo aconteça, se faz necessário um exercício de deslocamento de olhar, com o objetivo de aprofundamento de visão e a compreensão de mundo.

Assim, diante da historiografia da obra de Ferréz, através do estudo do romance do livro *Capão pecado*, pode-se conhecer um pouco mais da sua tendência literária, ou seja, sua condição de legítimo representante da periferia e da literatura marginal. Esse rótulo de Ferréz pode ser detectado em quase toda sua obra, em especial no livro *Capão Pecado*, cuja linguagem coloquial e as estruturas das letras de gírias, são características da literatura marginal, dessa atual geração de escritores marginais/periféricos. Por conseguinte, essa variação linguística utilizada na periferia, é inserida no romance *Capão Pecado*, o que caracteriza ser um livro com uma linguagem popular, usada em situações cotidianas na favela.

Conforme o diálogo expresso no livro:

–É! O bar do Polícia é o point agora, cê tá ligado? Também o lava-rápido lá de perto da igreja fechou; lá dava umas duas mil pessoas, mano. –O que pegava lá, Burgos, é que o som da equipe tinha uma puta qualidade, aqueles manos da Thalentos são foda, além do equipamento eles agitam o pessoal pra caramba. –É, pode crê, eu vim lá da Funchalense agora, tava tomando umas breja lá, com os manos da Sabin. –Ô Burgos, na moral, num fica dando rolê com esses mano, não. Cê tá ligado que tá mó treta aí nas quebra, mano. –Num es quente não, Zeca, eu num chego nesses rolê sozinho, cê tá ligado? O Ratinho e o China tavam comigo. –Tá certo. Aí, mano, eu tô indo buscar mais uma, cê faz um tempo aí? (FERRÉZ, p. 35).

A linguagem utilizada por Ferréz é uma das características mais marcantes do livro, pois revela o traço fortemente coloquial sinalizado por gírias, palavrões e outras variações da linguagem da comunidade da periferia.

Enfim, dessas noções de linguagem e de espaço nas obras de Ferréz, fica a reflexão de que tudo resulta de uma ampla evolução dos conceitos em diversas áreas do conhecimento, em específico, nesta pesquisa, as áreas da Linguística, das Letras e das Artes.

No entanto, diante da história de Rael, percebe-se a manifestação de voz de um personagem marginalizado, que se assemelha com os jovens negros e hispano-americanos que criaram o movimento *hip hop*. Aliás, movimento cultural do qual o escritor Ferréz, aderiu ao *rap*, um dos pilares essenciais desse movimento, que nasceu em 11 de agosto de 1973, no Bronx (Nova York).

Assim, essa identificação de Ferréz com o *hip hop* talvez tenha a ver com situação geográfica e cultural, já que o *hip hop* teve sua origem na periferia e foi construído por negros pobres, sem um olhar de fora que se importasse com eles. Isso tem a ver com o escritor Ferréz, que foi criado no gueto e reside atualmente no bairro de Capão Redondo, na periferia de São Paulo, onde convive diariamente com as mazelas da favela.

Portanto, dessa experiência da periferia, nasceu o livro *Capão Pecado*, que fala sobre um romance entre Paula e Rael e sobre a vulnerabilidade do próprio Rael (personagem principal do livro), devido à violência instalada em Capão Redondo. Conforme ele mesmo relata: “já fui esfaqueado duas vezes, mano; uma pelo Luis Negão e a última foi pelo Sandrinho e o China, uns moleques forgado da porra. –E agora você pensa: tudo isso e eu ainda tô vivo, mano” (FERRÉZ, p. 8, 15).

Esses fatos reais narrados e vivenciados pelo autor fazem parte do constitutivo do livro, que evidencia a literatura marginal no interior do pensamento social, destacando-se neste sentido, seu espaço social e sua relevância enquanto dimensão capaz de colaborar com a construção da identidade das populações marginalizadas. Assim, a partir dessas interações com o contexto do livro *Capão pecado*, percebe-se o quanto é importante a ideia predominante dessa literatura marginal.

É uma ideia que centraliza o texto na história pobre das periferias dos grandes centros urbanos, com uma qualidade verossímil, desenvolvendo-o de forma clara para um bom entendimento do leitor.

Na realidade, *Capão Pecado* é um livro, entre outros aspectos, que relata acontecimentos sob o ponto de vista interno da periferia, ou seja, um olhar que vem de dentro da favela. Significa que esse olhar tem a perspectiva íntima de quem foi ou é morador dessa comunidade, cujo foco é marcado na narrativa do autor, pela postura de encarar e observar a proximidade ou afastamento dos fatos acontecidos nesse local.

Diante desses fatos, o autor vive uma rotina de tensão máxima, que lhe permite identificar a capacidade de distanciar-se dos meios de divulgação externa e ter como principal atrativo a aproximação ou afastamento dos acontecimentos diversos dentro da favela. Dessa forma o livro propicia uma reflexão sobre a sua produção, em virtude de agregar sentidos carregados de significados históricos sobre o ser marginalizado, que é parte central da obra.

Portanto, a reflexão sobre o livro *Capão pecado*, permite observar que o autor faz parte do ambiente do enredo, ou seja, advém de um lugar marginalizado e retoma o termo marginal como concepção literária, dando voz à periferia. Por conseguinte, essa realidade problematizada na favela, é olhada de dentro para fora, pelo escritor, com a perspectiva de ter um olhar de fora para dentro, ou seja, vista pelos grandes centros urbanos. Enfim, Ferréz tornou-se reconhecido no campo literário e editorial com o lançamento do romance *Capão pecado* no ano 2000, baseado na sua experiência de morador da periferia.

Conforme Erica Peçanha do Nascimento, em sua dissertação de mestrado, sobre literatura marginal:

Um romance baseado nas suas experiências sociais como morador de um dos bairros do distrito de Capão Redondo, localizado na zona sul de São Paulo. O romance não foi saudado como acontecimento literário, tampouco foi lançado sob o aval de algum crítico renomado, mas movimentou o interesse da imprensa que buscou evidenciar mais os aspectos sociológicos relacionados à produção do que as características da própria obra. (NASCIMENTO, 2006, p. 15).

Portanto, o livro *Capão Pecado*, lançado pela Editora Planeta do Brasil, em 2013, foi reconhecido pela crítica fora de Capão Redondo, como um romance de ficção da realidade. Assim, com esse título, o livro inseriu-se no campo editorial e foi absorvido por diferentes leitores, tornando-se uma literatura objeto de diversos artigos e projetos de pesquisas nas academias. Além disso, o livro é portador de uma linguagem coloquial, com o ritmo do *rap* e cheia de gírias, que caracterizam a literatura marginal e o movimento cultural hip hop, o qual teve a adesão do escritor Ferréz.

O movimento entrou no Brasil no início dos anos 1980, por meio do *breakdance*, quando os jovens da periferia, em busca de encontros e diversão, passaram a frequentar os bailes *black*. Eram bailes similares aos que aconteciam no South Broox, um burgo na cidade americana de Nova Iorque, berço do *hip hop*.

O escritor Ferréz escreveu o livro *Capão Pecado*, como um produto contemporâneo e de um sujeito social concreto, ou seja, o cotidiano das pessoas na periferia. Um espaço com muitos pontos problemáticos, que marcam a desídia do Estado com políticas públicas que dessem condições de vida melhor às pessoas que residem na favela.

No entanto, o escritor Ferréz aderiu ao movimento *hip hop*, cujo o *rap* foi contextualizado ritmicamente no livro *Capão Pecado*, ampliando a sua ação literária. Visto que o movimento *hip hop* cria possibilidades artísticas, em que há uma intertextualidade inerente ao cotidiano periférico e busca refletir e agir sobre ele.

O tema *hip hop* propõe uma reflexão, sobre a periferização do centro urbano. Ou seja, condição que impede que classes mais baixas permaneçam morando nos centros das cidades. Significa que essas pessoas vão morar nas regiões da periferia urbana e lá necessitam do caráter crítico do *hip hop*, que contribui para reflexão do tipo de sociedade em que vivemos, colabora para a educação das crianças no que tange ao estímulo à construção da autodisciplina e da organização. Inclusive, a dança do *hip-hop* é um exercício cardio intenso, ajuda no fortalecimento muscular do coração, melhora a função pulmonar e aumenta o nível de energia. Portanto, não basta reunir-se na periferia e deslocar-se para o centro, a concentração de atividades e população em espaço limitado, provoca a manifestação da macrocefalia urbana. Ou seja, desses espaços urbanos sem oportunidades e condições de vida, motiva o retorno à periferia e a formação de cortiços e favelas.

2.19 Cultura híbrida uma identidade periférica

O escritor Ferréz, além do romance *Capão Pecado*, é um dos representantes da literatura marginal/periférica, reconhecida como cultura híbrida, contra-hegemônica e constituinte de identidade e de cultura periféricas.

Portanto, a literatura marginal/periférica é compreendida como leituras de culturas híbridas que não hierarquizam culturas, representativas de uma identidade e culturas periféricas que lhes é de pertencimento e, com isso, podem mostrar a sua voz.

No entanto, sabe-se que nesse movimento, além de Ferréz, transitaram com suas obras de arte, autores como Sérgio Vaz e Dugueto Shabazz, artistas que se caracterizavam pela ideia de literatura híbrida, ligada ao processo de globalização.

O fenômeno natural que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudanças de seus elementos, se caracteriza pela dinâmica e sensibilidade no contexto das obras de Ferréz. O artista, além de representar, em sua obra, a chamada “literatura marginal”, contextualizada pela cultura híbrida e contra hegemônica, também se constitui de identidade e cultura periféricas.

Em Capão Pecado (2005), Ferréz utiliza a linguagem coloquial e termos provenientes do ambiente periférico como “bocas”, “chefes da boca”, “manos”, “nóia”, isso tudo com a intenção de legitimar uma cultura periférica, conforme mostra o excerto a seguir:

[...] e que desconfiava que haviam sido os manos da Paraisópolis que tinham contratado o Burgos pra fazer o serviço: afinal as bocas não podem se dar ao luxo de ficar com prejuízo, porque senão os negócios despençam: é só um nóia saber que tal mano comprou na boca, não pagou, e nada aconteceu, que tá feito o boato que os chefes da boca não tão com nada. O respeito tem que prevalecer. (FERRÉZ, 2005a, p. 33)

Portanto, conceitualmente, as obras de Ferréz são híbridas, por constituírem-se de elementos diferentes na sua composição. E justamente por não conseguir se tornar dominante, é que a cultura híbrida é contra hegemônica, na medida em que visa, através da educação, transformar a ordem vigente buscando instaurar uma nova forma de sociedade.

Há mais de duas décadas o escritor Ferréz trabalha de forma independente e, o seu primeiro livro lançado em 1997, é uma das mais importantes vozes da literatura marginal. Trata-se do livro Fortaleza da Desilusão (1997).

Diante das várias obras de Ferréz, observa-se que no seu primeiro livro de poesias publicadas, “Fortaleza da Desilusão” (1997), Ferréz foi influenciado pela poesia concreta, escrevendo o poema homônimo, que deu o nome a seu livro.

FORTALEZA DA DESILUSÃO

A ave voa ao contrário

O vento vem e volta

O lobo uiva e vai

O uivo vai e voa

A ave vê o uivo

O uivo vai

Contra

Rio

(Ferréz, 1997)

Os livros e outros artigos literários publicados por Ferréz projetaram-lhe no cenário da literatura brasileira como um grande escritor, representante da literatura marginal e do movimento *hip hop*, principalmente através do *rap* – uma de suas bandeiras, relacionadas ao mundo da periferia.

É possível pensar que a proposição histórica da poesia periférica e da literatura marginal, pelo escritor Ferréz, transformou suas obras em um conjunto de circunstâncias, que envolve uma época histórica de grande opressão social e manifestação de expressão da juventude da periferia.

Assim, ainda em relação aos feitos de Ferréz, destaca-se neste trabalho, o poema “Datilógrafo do gueto”, assentado na introdução que, segundo o próprio escritor, após apresentar o poema na escola, ele foi crescendo e sendo recitado em shows, quermesses, intervenções e saraus de poesias. Assim, o poema foi escrito na escola; Ferréz recitou-o em ritmo de *rap*, cuja ideia era ouvir e ler nas vielas e quebradas da favela.

Por conseguinte, Ferréz foi apelidado datilógrafo do gueto, porque além de cantar seu *rap*, ele escreve suas letras e palestras, que apresenta em shows e bailes na periferia: “Como não escrever em forma de *rap* se ele foi minha escola”?

Portanto, diante da grande obra de Ferréz, analisa-se não somente a literatura marginal periférica, mas, igualmente, a cultura híbrida, a qual ele aderiu. Assim, observa-se neste trabalho, que o vasto conteúdo da literatura marginal e, cultura híbrida periférica, indica que o escritor transitou e transita entre a poesia marginal e o *rap*, e, segundo ele, há pouca diferença entre ambas as manifestações artísticas/culturais.

Assim, entende-se que a concepção de Ferréz sobre o marginal não é apenas o marginalizado social, mas, também o terrorista literário. Que faz da literatura um instrumento de resistência que ameaça, segundo Ferréz: “a classe que quase conseguiu te matar, fazendo você nascer na favela e te dando a miséria como herança”. (Ferréz, 2005, p.13).

2.20 Reações nostálgicas de Ferréz

Ferréz é reconhecidamente um escritor em ascensão. Nas últimas décadas, ele vem lançando uma forma literária que compreende a ficcionalização do ambiente das periferias, ou seja, do cenário do seu terrorismo literário, conforme ele mesmo se autodenomina. Inclusive, o verso número quatro, do Poema Datilógrafo do Gueto, ele afirma “eu sou terrorista literário, de fuzil bic na mão”. Além disso, o escritor destaca-se pela forma de abordagem da desigualdade periférica, cujo registro referencial parte de dentro da favela.

Inclusive, esse referencial está sendo usado como instrumento de crítica sociológica sobre uma dada realidade humana. Nesse contexto, situa-se o escritor Ferréz, que deu início à definição do termo literatura marginal para os autores da geração de escritores da cena marginal/periférica.

Para esse autor:

A Literatura Marginal [...] é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo (FERRÉZ, 2005, p. 12).

Portanto, a literatura marginal proposta por Ferréz é produzida pelas minorias, com repertório de dentro da favela. O termo periférico, por si só, representa a periferia, consequentemente a literatura marginal, que remete a sujeitos marginais e a espaços marginais.

O termo marginal no sentido mais comum, empregado na linguagem coloquial, pode ser bandido, criminoso, delinquente. No entanto, não se restringe apenas ao conjunto jurídico que define o que é ou não crime, mas também toda norma implícita que constitui as convenções sociais, todos os tabus e vetos, repressões e censuras aos quais submetemos as pessoas no convívio social. Porém, ampliando o conceito de lei também ampliamos o conceito de marginal, considerando todos aqueles que rompem com as convenções sociais, tabus, vetos, repressões e censuras, ou seja, o status quo imposto de forma explícita ou implícita na nossa vida cotidiana.

Por conseguinte, o termo ser marginal ou estar marginal, significa estar separado do resto da sociedade, forçado a ocupar as beiras ou as margens e a não estar no centro das coisas. Portanto, marginal é um termo independente que faz da sociedade marginalizada protagonista das grandes mazelas das favelas. Essas pessoas podem e devem levar e elevar suas vozes ao mundo, objetivando que esse universo conspire a seu favor. No entanto, a forma de realizar essa missão pode ser através de eventos que contemplem a sua exibição pública, pode ser texto ou imagem. Inclusive, neste espaço, incluem-se duas ilustrações de Ferréz realizadas por Lourenço Mutarelli, O escudo da literatura marginal e a Face de Ferréz. O motivo de exibi-los seria adquirir conhecimentos.

Por conseguinte, a imagem gera mudança de significação de fatos e objetos, conforme diz o poema de Mario Quintana, “O livro não muda o mundo. O livro muda as crianças. As crianças mudam o mundo”.

No entanto, é necessário lembrar que este tipo de literatura por imagem possui seus antecedentes históricos, que basta rastrear as tentativas literárias de representação das periferias para desvelar o surgimento do seu conceito. Porém, de qualquer maneira, na contemporaneidade, essa nova literatura das margens ganha forma e notoriedade pública e crítica.

As fotos exibidas a seguir foram extraídas do “Encarte” de Ferréz (2003), que contextualiza uma foto de criança lendo um livro. Na parte inferior de uma das páginas, onde está localizada a frase supracitada, destaca-se um design com uma pena de escrever, uma rosa e uma vela fechadas num escudo branco e preto, evocando uma estética medieval. Abaixo, lê-se “Literatura Marginal” em fonte manuscrita, o que estimula reações nostálgicas. Já o rosto de Ferréz – desenhado em grafite por Mutarelli – apresenta, entre outras características, o olhar desafiante, que também se observa em imagens de outros *rappers*. A arte é fechada numa imagem com o número “1” que evoca o logotipo da 1daSul, empresa de Ferréz, mas que também se assemelha a uma coroa de louros romana. Na parte inferior, nota-se um pergaminho com o nome do autor (FERRÉZ).

Foto do escudo da literatura marginal e a imagem do rosto de Ferréz.

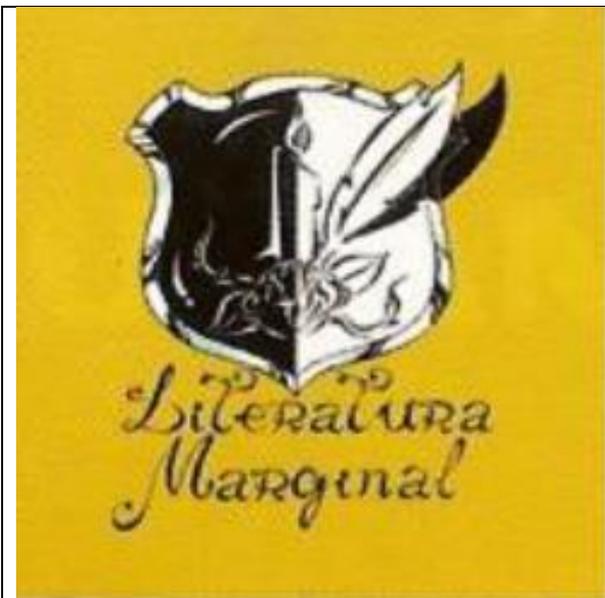


Figura 7 Design do escudo constante de uma das páginas do encarte. Fonte: Ferréz (2003).



Figura 8 Face de Ferréz, ilustrada por Mutarelli. Fonte: Ferréz (2003).

2.21 A literatura marginal e a cultura híbrida periférica

Na literatura, o termo marginal designa que há autores e obras que, de certa forma, estão se distanciando do cânone, o que os leva a ficar fora do circuito comercial e de grandes editoras. Já a cultura híbrida é compreendida como um fenômeno em que as pessoas trocam experiências culturais, ou seja, há um intercâmbio de hábitos e costumes. Assim, é uma literatura digna de nota, de fama, considerada de interesse, de importância ou distinção, como o romance *Capão Pecado* de Ferréz, que deixa explícito, o movimento dessa literatura das margens para o centro urbano.

Segundo Edgar Morin (2002), o fenômeno da globalização é o que valoriza o intercâmbio entre as pessoas, a partir da mestiçagem, migrações, hibridações, “das múltiplas correntes transculturais que irrigam as culturas ao mesmo tempo em que as superam, (...) ou se fecundam mutuamente” (Morin, 2002, p.16).

Portanto, a forma de movimentação das obras literárias periféricas, no caso, Capão Pecado, representante da literatura marginal, o grande impulso foi contextualizá-lo ao lado do movimento *hip hop*. Isso fez gerar inúmeras possibilidades de crescimento no cenário urbano, pois, entre as duas expressões artísticas, há uma intertextualidade inerente, ambas expressam o cotidiano periférico e buscam refletir e agir sobre esse espaço social.

Portanto, considerando a obra Capão Pecado e o movimento *hip hop*, associando-os como expressões artísticas periféricas, percebe-se o ponto de vista dos sujeitos produtores, suas demandas e leituras de mundo, suas ações no intuito de ser algo que busca interferir, de alguma maneira na realidade, a fim de contribuir para mudanças, por exemplo: da periferia ao centro urbano.

Ferréz trata essa composição literária de literatura híbrida, ou seja, palavras formadas por elementos de gêneros diferentes. E dá um exemplo de hibridização no próprio nome artístico, quando usa caracteres do nome de duas personalidades históricas e emblemáticas da cultura marginalizada no País. Primeiramente, o legendário cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, usa-se (“Ferre” – radical “ferr” + vogal temática “e”) e o quilombola Zumbi dos Palmares, usa-se a consoante inicial (“z”), do que originou o nome “Ferréz”.

Na verdade, o pseudônimo de Ferréz escolhido pelo próprio autor que, por não acreditar na igreja não usa o nome de batismo, acredita em Deus e espera que Ele acredite nele. No entanto, a criação do nome Ferréz é enfatizada em vários contextos literários, inclusive no artigo “Nas ruas de Capão Pecado”, de Camila Lourenço Cardoso.

Fonte: file:///C:/Users/Win%2010/Downloads/505-1615-1-PB%20(8).pdf

Dentro do contexto literário brasileiro, Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião é identificado pela história como o mais conhecido cangaceiro do país; em torno de sua figura, paira a imagem mítica do cangaceiro mais temido do nordeste brasileiro.

Lampião nasceu em Serra Talhada, no estado de Pernambuco, em 1897, e morreu em Poço Redondo, em Sergipe, dia 28 de julho de 1938.

Portanto, o nome Ferréz, pelo aspecto que nos parece determinante em relação à sua composição, ou seja, o registro de temas e de recursos formais da “nova literatura marginal”, visa marcar o discurso literário, sobre a cultura híbrida periférica.

No entanto, o estudo dessa nova proposta cultural de hibridização, necessita de reflexão e de redefinição do conceito de literatura marginal, baseado no estilo literário crítico, localizado às margens de padrões estéticos da chamada literatura clássica ou tradicional.

2.22 Se eu quero, eu posso, eu sou (FERRÉZ, p.85)

Ao enfatizar o romance *Capão Pecado*, enalteço a literatura periférica, que alcançou as universidades, sendo levada também para dentro dos presídios, em virtude de ser uma literatura construída na periferia, origem de grande parte do público carcerário do Brasil. Isso aproxima a literatura marginal periférica da crítica literária, porém, o autor evidencia uma questão estrutural do Brasil, em apoio ao acervo literário que denuncia as desigualdades sociais, engendrada nas favelas brasileiras. É claro que sabemos quais são as carências, mas é óbvio que ninguém faz nada para que isso se reverta. O que há na realidade são armadilhas, muitas delas utilizadas, algumas “enxergamos e podemos desviá-las”, mas para isso, tem-se que acreditar em cada um de nós, “se eu quero, eu posso, eu sou” (FERRÉZ, p.85).

A frase motivadora de Ferréz induz a refletir sobre as mazelas da periferia, como um lugar que necessita de ajuda. Não importa se ela fica na zona leste, oeste, norte ou sul, os problemas são sempre iguais. São armadilhas que desqualificam a população periférica, que além de não ter segurança, saúde e alimentação é formada por “moradores de casas amontoadas umas em cima das outras” (FERRÉZ, p. 85).

De fato, essa problemática social da periferia indica tratar-se de uma trama que aborda a vida de determinado grupo social, no caso em questão, moradores de Capão Redondo, na zona sul de São Paulo. Porém, os temas abordados em *Capão Pecado*, que são recorrentes da violência, da injustiça social, da miséria foram inseridos no livro em tom de denúncia ou desabafo.

Conforme o autor:

Mais de dez pessoas foram atropeladas e muitas acabaram com contusões, pois foram pisoteadas na correria. O Quitos, que era dono do bar, e os vizinhos ligaram pra polícia; chegaram várias viaturas, mas os tenentes acabaram sendo coniventes, e até hoje não deu em nada, só resultou no fim do baile (FERRÉZ, 2013, p.24).

Na verdade, o livro *Capão Pecado*, por si só é uma denúncia social, tendo como referência a periferia de Capão Redondo, um bairro, da cidade de São Paulo, com muitos problemas sociais. Portanto, *Capão pecado*, “é a representação implacável da bandidagem cega, centrada na existência de uma trágica oposição, 'otário/bicho solto', em que o segundo só pode existir às custas do primeiro” (PELLEGRINI, 2008, p.191).

Diante dessa problemática, Tânia Pellegrini destaca que o romance vivido entre Paula e Rael, os protagonistas da história do livro, apresenta um eixo de denúncia da falta de condições de se ter uma vida tranquila em Capão Redondo. Porém, é interessante saber, que há dificuldades de mudanças naquela favela, por conta da ambivalência desse realismo, uma vez que tanto os “bons” como os “maus” recebem a mesma punição. Inclusive de morte, já que há na periferia protesto e aceitação simultâneos, com relação a coisas que se opõem mutuamente.

A violência pode estar configurada em uma obra literária, sob diferentes perspectivas. No caso de Capão Pecado, sugere-se a ambivalência do romance entre Paula e Rael, que pode ser processado de diferentes formas e matizes. Todos sabem que Rael “fica” com Paula escondido, já que ela é namorada do seu melhor amigo Matcherros. Porém, isso causa desconforto entre os jovens, pois pode terminar em violência. Conforme o seguinte relato:

Rael disse que no outro dia à tarde passaria por lá, despediu-se dos seus amigos, pegou seus últimos seis pães e saiu de cabeça baixa. Talvez por descargo de consciência, passou na casa de Matcherros. Só indo a noite mesmo para o encontrar acordado, pois o amigo dormia a maior parte do dia. Cumprimentou o amigo e disse que iria entrar na metalúrgica perto da Tenge. Matcherros ficou contente, ofereceu café para Rael, e quando estava se levantado para pegar, disse: -aproveita e olha a Paula por mim, mano, eu tô meio desconfiado dela, tá ligado? –Que é isso, Matcherros, ela é muito gente fina, e muito trabalhadora pelo o que eu vi lá, tá ligado? –Nunca se sabe, velho amigo, nunca se sabe, mulher é um bicho em que não se confia (FERRÉZ, p.57).

Portanto, a história desse romance está longe de um final feliz. Parece que viver essa aventura é factível de andar no limite, no tênue fio da espada, ouvindo uma história contada com um realismo aterrador. É nesse sentido que textos como Capão Pecado se tornam, realidade traumática inescapável, pela conduta dos seus protagonistas.

2.23. Bem-vindos ao fundo do mundo – Capão Pecado

O romance Capão Pecado, objeto de estudos deste TCC, é um livro, cuja história leva e eleva para a contemporaneidade que significa lidar com o antes e o agora como algo natural, em especial nos espaços periféricos, onde tudo existiu ou existe no aqui e agora. Na favela, a naturalização das coisas que acontecem leva à ausência de questionamento delas, por criarem a ilusão de que tudo existe em si e sempre existiu.

Portanto, andar nas ruas de Capão Pecado é embarcar na literatura marginal contemporânea e conhecer pontos demarcados pela criminalidade, lugares, “onde um passo é o limite entre a vida e a morte” (Camila) ³.

³ Jornalista graduada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR, repórter do jornal Página Um (Castro/PR).

Para melhor entender a trajetória das ruas de Capão Pecado e sua história romanesca, insere-se neste contexto do livro, duas fotografias, primeiramente, a foto da capa do disco que remete à primeira edição do romance Capão Pecado (2000), compilada do “Encarte de Determinação” (2003). A foto seguinte, inclui imagens num segundo plano de favelas de Capão Redondo. Ambas as fotografias trazem um conteúdo visual para interpretação, baseado no cotidiano da periferia de Capão Redondo.

As fotos incluem um trabalho de conceitualização e design, cuja composição estética assemelha-se com o olhar desafiante de Ferréz.

No entanto, a interpretação de alguns contextos do livro Capão Pecado por imagens, já havia sido feita na primeira edição do livro em 2000, num plano amplo dentro da obra de Ferréz, e não como acontecimento isolado em sua trajetória como escritor.



Figura 9 Encarte de Determinação.
Fonte: Ferréz (2003).



Figura 10 Foto de Teresa Eça incluída em Capão pecado (2000).
Fonte: Ferréz (2000).

Enfim, as imagens e os personagens periféricos de Ferréz deixam em Campão Pecado um discurso implícito, sobre a problemática social da periferia. Quais as razões para que esses impasses da favela persistam?

Apesar de óbvios para os habitantes da periferia, para as autoridades governamentais, o cenário em Capão Redondo continua quase o mesmo quadro, retratado em Capão Pecado.

O próprio Ferréz já escreveu em seu livro, indagando os impasses que impedem a periferia de progredir e persistem na tentativa de quebrar os parâmetros que os subvertem. O escritor refere-se às seguintes questões: “Falta algo pra esses mano, sei lá, preparo; eles têm que se ligá, pois se você for notar, tudo tá evoluindo e os chegado tão lá no mesmo, e não tô dizendo isso porque sou melhor não. Cê tá ligado[...]” (FERRÉZ, p. 120). Pois, analisando o comentário do escritor e sendo assim, em Capão Redondo, sugere-se que a arte na periferia seja ainda, a que garante a diferenciação entre a dialética periferia versus centro urbano.

Porém, caso a periferia não reaja “[...] na moral, cara, esses aí vão ser engolidos pelo sistema; enquanto eles dormem até meio-dia e fica rebolando no salão até de manhã, os playbas tão estudando, evoluindo, fazendo cursinho de tudo que é coisa”(FERRÉZ, p. 120).

Enfim, foi lutando, estudando muito, investindo na arte de escrever, que Ferréz ficou conhecido na plêiade de escritores famosos e apareceu para o mundo literário. E como ele mesmo disse, no Poema Datilógrafo do Gueto, “Eu sou terrorista literário, de fuzil bic na mão”.

Na realidade, terrorismo literário para Ferréz, reconhecidos inclusive pela crítica são os seus questionamentos, suas afirmações e manifestações, através das suas obras ditas marginais, em prol da sociedade marginalizada que habita as periferias das grandes cidades brasileiras.

Finalmente, através da leitura, análise e compreensão deste trabalho de pesquisa, há probabilidade do leitor se tornar mais íntimo da periferia, oportunizando-o a ampliar conhecimentos sobre novos conceitos, de valorizar a cultura e a arte dessa parcela tão sofrida da nossa sociedade como um todo.

3. CONCLUSÃO

O tema principal desta discussão constitui-se na questão: como narrar “uma história da periferia para o livro, deste para os grandes centros urbanos”? Esta proposição introduz à redação do livro *Capão Pecado*, que narra uma história originária da periferia e mostra o posicionamento do texto sobre essa temática.

Assim, entende-se, mais nitidamente, a vida na periferia de Capão Redondo, um dos bairros mais violentos da cidade de São Paulo, cenário do romance *Capão Pecado*, objeto de minha pesquisa, onde o aviltamento e a exclusão das pessoas tornam-nas, ainda, mais marginalizadas e experienciadoras das mazelas da periferia.

Portanto, o sujeito periférico retratado em *Capão Pecado* possui maneiras variadas de convivência, reagindo igualmente, de forma diferente, frente às diversidades da periferia. Possivelmente a violência seja a causa de sua reação, que parece ser a mais frequente em potencializar a repulsa por parte do urbano, pois, ainda, o preconceito é motivo de segregação.

Entretanto, não é apenas da brutalidade ou do marginalizado que versa o contexto de *Capão Pecado*, o romance entre Paula e Rael, na história do livro, urge como uma vazão desse sistema de opressão, representado pela miserabilidade que existe e existiu na periferia. A escrita de Ferréz ratifica e enfatiza em suas obras toda essa problemática periférica, que assola grande parte da população brasileira que vive em favela.

Enfim, a literatura produzida sobre a pobreza, como o livro *Capão Pecado*, não contextualiza somente os calabouços da miséria, mas traz toda uma manifestação, muitas vezes empírica, sobre música, dança, movimentos culturais, até por ser uma literatura caracterizada com o ritmo do rap e cheia de gírias. Essa variedade de gêneros possibilita incluir novas alternativas ao comportamento violento, aos relacionamentos conturbados entre os jovens, oportunizando uma vida melhor, sem essa guerrilha declarada que se delineia diante das desigualdades da periferia.

Portanto, diante da possibilidade de novas alternativas para mudar a trajetória da violência indica-se um tema relevante, capaz de mostrar resultados conclusivos, através dos objetivos traçados para este TCC. Para os quais, disponibiliza-se uma gama de informações sobre as mazelas da favela. Por conseguinte, essas manifestações contribuem com a obra de Ferréz, auferindo-lhe possibilidades de problematizar o discurso da periferia, abdicando, dos pressupostos estéticos e formais, na produção dos seus textos literários. Assim, diante desses movimentos culturais, há condições de compreender o conceito da literatura marginal contemporânea, o seu significado na literatura brasileira, como a nova cultura popular, entre os jovens da periferia.

Portanto, reuniram-se em meu TCC, vários conceitos e informações, a partir de bases textuais sobre a periferia e a literatura marginal, indicando caminhos literários, para uma nova cultura popular brasileira. Porém, a história é crua e a realidade é cruel, quando se vive o dia a dia da periferia, como é o caso do escritor Ferréz.

No entanto, apesar disso, ele torna a sua visibilidade cada vez mais saliente no mundo literário, estruturando a sua obra, através da linguagem coloquial, aliada a literatura marginal contemporânea.

Igualmente, busca-se compreender a proposição poética de Ferréz, elencando para o meu trabalho, o Poema “Datilógrafo do Gueto”, cujos versos são cheios de ambiguidade, com a função de sugerir significados diversos para uma mesma mensagem. Portanto, é de suma importância a interpretação da significação de cada palavra que compõe o Poema, a fim de melhor compreender o corpo poético da periferia. Ou seja, o despertar do potencial criativo de cada um que vive ou viveu na favela, para uma redescoberta de mundo, por meio de lutas, de buscas e conquistas através de estudos e de seus movimentos pelas margens.

Portanto, é importante a participação dessas vozes da periferia, como no caso, o romance *Capão Pecado*, que reforça a matéria tratada. Ou seja, a substância que muitas vezes é a própria carne, sentida e ressentida por cada corpo encontrado estendido nas ruas do bairro Capão Redondo. Por conseguinte, as vozes que passam a ser ouvidas, não são só daqueles que falam, mas, daqueles que foram silenciados pela violência. Essa censura da falta de oportunidades de emitir a voz, quando ela surge na escrita destoa por ecoar um grito entalado na garganta. “Sou apenas mais um guerreiro quilombola do exército de ZUMBI contrariando tudo e todos, com metas diferentes, planos loucos, mas ideais gigantescos” (FERRÉZ, p.49).

Enfim, foi com objetivos diferentes, projetos malucos, mas com convicções imensas, que foram introduzidos no contexto desta pesquisa, os Programas Sociais em prol da criança e do adolescente, em situação de abandono da cidade Erechim, RS. A conexão dessa problemática com *Capão Pecado* passa pela caracterização de verossimilhança da história do livro, que narra sobre a violência e o abandono da população jovem, na periferia de Capão Redondo, um dos bairros mais violentos da cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Mônica R. e MENEZES, Jaileila A. **Projeto de pesquisa: a arte na política: um estudo do movimento Hip Hop na cidade de Recife**. Recife: UFPE, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2012.

DIAS, Anelise. – **DicaDoAnalista**: Instituto São José dos Campos, São Paulo, 2016.
Fonte: <https://www.ismart.org.br/2016/03/dica-de-livro-capao-pecado-de-ferrez/>

FERRÉZ. “**Depoimento** [2004]”. São Paulo: Programa Provoações, por Antonio Abujamra. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/provocacoes> - “**Entrevista** DicadoAnalista (2016)”. São Paulo: Instituto São José dos Campos, por Anelise Dias. Disponível em: <https://www.ismart.org.br/2016/03/dica-de-livro-capao-pecado-de-ferrez/>

_____. **Capão pecado: romance**. 1a ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil Ltda,(2000-2003-2005-2013).

FERRÉZ (Org.). **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005a.

_____. *Capão pecado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MARQUES, Luciana A. **Pacto em Capão pecado: as margens para o centro do texto, do texto para o interior do homem.**, f. 139. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MORIN, E. **Por uma globalização plural**. In: Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 mar. 2002, p. A-16

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena**. Orientador: Júlio Assis Simões. 2006. 210 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007->

_____. **Vozes Marginais na Literatura**. São Paulo: Aeroplano, 2009
 NEGRI, A. HARDT. M. 2011. Commonwealth. **El proyecto de una revolución del común**. **Madri**: Akal.

PELLEGRINI, Tânia. **As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea**. In: _____.
 Despropósitos: **estudos de ficção brasileira contemporânea**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2008. p. 177-205.

REZENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Biblioteca Nacional, 2008.

SADER, É. (1988) **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SANTAELLA, Lúcia. **Produção de linguagem e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009

SOUZA, Jusamara. **Vozes da periferia**. **Revista Movimentos Socioculturais**, Especial, O olhar do adolescente, Ediouro, N.º. 4, p. 83, 2007.

SÚSSEKIND, Flora. Desterritorialização e forma literária: Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana. *Sala Preta*, São Paulo, v. 4, p.11-29, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57133>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

ANEXOS

Fotos de participação da Guarda Mirim em eventos sociais diversos.

ANEXO I

Foto da primeira turma de meninos pertencentes ao Grupo Guarda Mirim, que solenemente, com a presença do Comandante da Brigada Militar e do Prefeito Municipal, receberam os uniformes característicos da Guarda Mirim, usados em todo o Brasil. (1994)



ANEXO II

Foto do desfile da Guarda Mirim no dia 21 de abril de 1995, em homenagem a Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes. Ato cívico para o conhecimento dos símbolos e da importância de se honrar o País, criando nas crianças a consciência cidadã que nossa sociedade tanto precisa.



ANEXO III

Foto que ilustra a participação da Guarda Mirim, em uma ação social, denominada Carreta do Agasalho, onde as crianças colaboravam na coleta de agasalhos doados pela comunidade, para que fossem repassados pela Assistência Social da Prefeitura, às famílias carentes, principalmente nos períodos de inverno. (Junho/1995)



ANEXO IV

Recorte do jornal Diário da Manhã de Erechim, RS, quando da cobertura em maio/1996, da primeira formação da Guarda Mirim feminina pela Secretaria da Cidadania da Prefeitura Municipal. A solenidade consistia no recebimento dos uniformes, que seriam usados nas diversas atividades sociais que as meninas participariam.



ANEXO V

Recorte do jornal Diário da Manhã de Erechim, RS, com uma reportagem da Secretaria da Cidadania, sobre o Programa Social de iniciação ao trabalho de adolescentes, destinados para Meninas de rua, em situação de abandono.

Sábado, 4 de Maio de 1996

DIÁRIO DA MANHÃ
GERAL

Assistência

Secretaria da Cidadania realiza hoje a formatura da Guarda Mirim Feminina

São 24 meninas que fazem parte do Programa Social Municipal Educativo de Iniciação ao Trabalho de Adolescentes

A solenidade de formatura da Guarda-Mirim Feminina, que acontece hoje, às 10 horas, na Praça da Bandeira, vai finalizar um trabalho de formação e treinamento que durou três meses. O grupo recebeu orientações, através da Secretaria, nas áreas de saúde e assistência social e foram treinadas e instruídas pela Brigada Militar na principal atividade que irá desempenhar: controlar o trânsito no centro da cidade.

O grupo, que começa a atuar na segunda-feira, também desenvolverá atividades de atendimento em repartições públicas e ajudará na seleção dos agasalhos recolhidos na III Carreta do Agasalho. As jovens de 12 a 17 anos, que também receberam treinamento no Corpo de Bombeiros, receberão cada uma meio salário mínimo pelo trabalho desenvolvido em meio turno, já que no outro, deverão frequentar a escola. Também irão receber alimentação, vestuário, transporte, assistência médica e social.

A Secretaria da Cidadania possui, em seus 15 programas sociais, cerca de 400 crianças e adolescentes, que trabalham num turno e estudam no outro. Entre os projetos especiais estão o Pequeno Padeiro e Monitora de Creche. Para o Secretário Ivalmor Piaia, semestres programados haveriam inúmeras crianças e adolescentes pelas ruas do centro vendendo algo ou pedindo esmolas.



Pelotão Feminino da Guarda-Mirim, que atuará no trânsito.

ANEXO VI

Foto de meninos da Guarda Mirim, que participavam em campeonatos de futebol de salão e futebol de campo, representando os programas sociais da Prefeitura Municipal. (1995).



ANEXO VII

Fotos da participação dos meninos e meninas da Guarda Mirim, em eventos como: hasteamento da Bandeira Nacional, na Praça da Bandeira de Erechim, RS. Canto do Hino Nacional em honra a Bandeira Nacional e Municipal. Recepção do Sr. Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, por ocasião de sua visita à Erechim. No centro o Governador é ladeado por um menino e uma menina da Guarda Mirim. Na extremidade à direita pelo Sr. Valmor Piaia, Secretário da Cidadania de Erechim. Na extremidade à esquerda pelo Tenente Arlindo Nogueira da Brigada Militar, Coordenador da Guarda Mirim.

